FREUD
MINHA VIDA e a PSICANALISE
ATLANTIDA EDITORA-RIO

MINHA VIDA
E A
PSICANALISE

Max Halberstadt, Atelier f. künstlerische Photographie, Hamburg

Freud

SIG. FREUD

MINHA VIDA
E A
PSICANALISE

TRADUÇÃO AUTORISADA

ATLANTIDA EDITORA
A. DOS REIS
RIO — 1934

1

I

Diversos colaboradores desta série de auto-biografias(1) começam a sua por algumas reflexões relativas ás particularidades e dificuldades do trabalho por eles assumido. Creio poder dizer que meu proprio trabalho parece ficar assim mais dificultado. Já publiquei diversas vezes estudos como o atual, e a natureza do assunto requer que meu trabalho pessoal seja posto em relevo, mais do que o comum, mesmo mais do que seja necessario.

Fiz, em 1909, na Clark University em Worcester (Mass., Estados

---

1) — Esta auto-biografia de Freud apareceu na coleção "A medicina em autobiografias", de Felix Meiner, Leipzig, 1925.

Unidos), em cinco conferencias, a primeira exposição do desenvolvimento e da essencia da psicanalise. Fui convidado a fazer essa conferencia por ocasião do 20º aniversario da fundação daquela Universidade (2). Recentemente cedi á tentação de dar a uma publicação americana um artigo de assunto analogo a esta publicação de conjunto "Ueber die Anfaenge des 20 Jahrhunderts" (Sobre os começos do seculo XX) tendo reconhecido a importancia da psicanalise pela atribuição de um capitulo especial (3). Entre as duas vem intercalado um

2) — Estas conferencias apareceram em inglês no **American Journal of Psychology**, 1910; em alemão sob o titulo "Ueber Psychoanalyse" (Sobre psicanalise). Edição de F. Deuticke, Leipzig.

3) — **These eventful years.** The twentieth Century in the making as told by many of its makers. Dois volumes. London e Nova York, The Encyclopedia Britannica Company. O meu artigo, traduzido pelo Dr. A. A. Brill, constitue o capitulo LXXIII, do segundo volume.

texto: "Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung" (A historia do movimento psicanalitico), aparecido em 1914 e que contem, em sintese, tudo quanto de essencial terei que dizer neste lugar tambem. Como não queria me contradizer nem tambem repisar muito o que já disse, ser-me-á necessario encontrar uma nova formula entre as exposições sujetivas e objetivas, entre a biografia e a historia.

* * *

Nasci no dia 6 de Maio de 1856 em F r e i b e r g na Moravia, uma pequena cidade da Tchecoslovaquia atual. Meus pais eram judeus, sendo eu mesmo judeu tambem. Do lado paterno creio que meus parentes habitaram durante muito tempo em C o l o n i a sobre o Reno (Alemanha) que por occasião de uma perseguição contra os judeus no seculo XIV ou XV fugiram para l'este e pelo decorrer do seculo XIX v o l t a r a m da

Lituania pela Galicia para um país de lingua alemã (Austria).

Com a idade de quatro anos levaram-me para Viena, onde fiz todos os meus estudos. No liceu fui, durante sete anos, o primeiro da classe, tendo uma situação privilegiada, pois quasi nunca prestava exames. Si bem que fossemos de condição social modesta, meu pai quiz que na escolha de uma profissão eu só seguisse a minha inclinação. Não senti nestes primeiros anos predileção alguma pela medicina, aliás, não a tendo igualmente sentido mais tarde. Era antes levado por uma sêde de saber, sêde esta que se dirigia mais para tudo quanto dissesse respeito ás relações humanas, que aos assuntos das ciencias naturais, sêde de saber que eu ainda não havia reconhecido no valor da observação como meio principal de me satisfazer. No entanto a doutrina, então em voga, de Darwin, atraiu-me extraordinariamente, prometendo dar um impulso formidavel á compreensão das cousas do Universo e lem-

bro-me que, tendo ouvido ler, pouco antes do fim dos meus estudos secundarios, uma conferencia popular, o belo ensaio de G o e t h e : "A natureza", decidi a inscrever-me na Faculdade de Medicina.

A Universidade em que me matriculei em 1873, no principio me trouxe algumas decepções sensiveis. Lá encontrei esta estranha exigencia: devia me sentir inferior e excluido da nacionalidade dos outros, por que era j u d e u. Não me submeti, em absoluto, á primeira dessas pretenções que me quizeram impor. Nunca pude compreender por que deveria sentir vergonha da minha origem ou, como se começava a dizer, da minha r a ç a . Mas, á comunhão da nacionalidade com os outros renunciei sem grande pena ou remorsos.

Pensava, com efeito, que um pequeno lugar nos quadros da humanidade, poderia sempre existir para um colaborador zeloso, mesmo sem uma tal renuncia. No entanto, uma consequencia, mais tarde importante, dessas pri-

meiras impressões da Universidade, foi a de me familiarizar desde cedo com a sorte de fazer parte da oposição e de sofrer a interdição por parte de uma "maioria compacta". Desta maneira se preparou em mim uma certa independencia em face da opinião publica.

Demais, tive que fazer experiencia desde os meus primeiros anos academicos de que a particularidade e estreiteza de meus dons naturais me negavam qualquer sucesso nos varios ramos da ciencia, para os quais eu me encaminhei no meu excessivo zelo juvenil. Aprendi assim a reconhecer a verdade do conselho que dá Mefisto:

Vergebens, dass ihr ringsum wissenschaftlich [schweift,
Ein jeder lernt nur, was er lernen kann.

("Em vão andam errando na ciencia em todos sentidos; Ninguem aprende mais do que deve saber").

Foi no laboratorio de fisiologia de

Ernest Brucke que encontrei emfim, repouso e completa satisfação, do mesmo modo como pessoas que me era possivel respeitar e que me podiam servir como exemplo. Brucke me deu um trabalho relativo á histologia do sistema nervoso que eu pude realisar a seu contento e prosseguir, em seguida, com independencia. Trabalhei no laboratorio de 1876 a 1882, com pequenos intervalos, e já me tinham indicado para a proxima vaga de assistente Os diversos ramos da medicina, propriamente dita, com excepção da psiquiatria não me atraia. Prosegui em meus estudos medicos sem entusiasmo e só colei grau em 1881, com um notavel atrazo, como se pode facilmente verificar.

A reviravolta produziu-me em 1882, quando meu mestre, que eu respeitava mais do que tudo, corrigiu a generosa leviandade de meu pai, exortando-me, isto devido á minha má situação material, a abandonar os estudos teoricos.

Segui seu conselho, abandonei o laborato-

rio de fisiologia e entrei como aluno no Allgemeine Krankenhaus (Hospital Central de Viena de Austria). Aí, ao cabo de pouco tempo, fui promovido a medico secundario (interno) e passei por varias clinicas, sendo mais de seis mezes na de M e y n e r t , cuja obra e personalidade já me haviam fascinado, quando ainda estudante.

Fiquei, no entanto, de um certo modo fiel á orientação que, de principio, tomaram meus trabalhos. Brucke deu-me como tema de pesquizas a medula espinhal de um dos peixes mais inferiores (Ammocoetes-Petromyzon); deste passei, então, ao sistema nervoso central do homem, sobre cuja estrutura complexa acabaram de me esclarecer as descobertas de F l e c h s i g , concernentes á formação sucessiva das bainhas medulares. O fáto de ter escolhido como primeiro trabalho o b u l b o (a medula oblongata), era ainda uma consequencia do meu principio. Em oposição á natureza difusa de meus estudos nos primeiros

anos de universidade, desenvolvia-se agora em mim uma tendencia de concentração exclusiva do trabalho sobre uma materia ou um unico problema. Essa tendencia ficou-me e valeu-me, mais tarde, a censura de unilateralidade.

Era, agora, no Instituto de Anatomia cerebral, um trabalhador tão zeloso quanto antes no Instituto Fisiologico. Pequenos trabalhos sobre o trajeto das fibras e a origem dos nodulos no bulbo vieram á luz nesses anos de hospital e foram mesmo anotados por Edinger. Um dia Meynert que me facultara seu laboratorio, mesmo antes de ter entrado para seu serviço, propôs que, si me consagrasse definitivamente á anatomia do cerebro, confiar-me-ia seu curso, por sentir-se muito velho para encarregar-se de novos metodos. Declinei o oferecimento, apavorado pela amplitude do encargo; adivinhára talvez, desde então, que este homem genial não estava bem intencionado a meu respeito.

A anatomia do cerebro, do ponto de vista

pratico, certamente não era um progresso, com relação á fisiologia. Lutei com dificuldades materiais e estas me obrigaram a começar o estudo das doenças nervosas. Essa especialidade não estava muito em voga, naquela época. Os doentes, dispersos em diversas seções de medicina interna, não ofereciam boas oportunidades de aperfeiçoamento e cada um precisava ser seu proprio mestre. Nothnagel, pouco antes convidado a ocupar uma cadeira da materia de seu livro sobre as localisações cerebrais, não salientava a neuropatologia dentre os outros dominios parciais da medicina interna. Ao longe brilhava o grande nome de Charcot e foi assim que concebi o plano de adquirir, primeiramente, o posto de docente para as doenças nervosas, e, em seguida, ir a Paris continuar minha instrução. Nos anos que se seguiram, durante meu serviço de interno, publiquei a observação de diversos casos relativos ás doenças organicas do sistema nervoso. Familiarisei-me, pouco a pouco, com este domi-

nio, localisei um fóco no bulbo com uma precisão tal que o anatomo-patologista nada tinha a acrescentar; fui o primeiro, em Viena, a mandar para dissecação um caso com o diagnostico de "polyneuritis acuta".

A fama de meus diagnosticos, confirmados pela autopsia trouxe-me uma afluencia de medicos americanos a quem dava cursos com a apresentação de doentes da minha clinica, numa especie de "Pidgin-English" (um inglês mal falado). Nada entendia, naquela época, de neuroses. Tendo apresentado, um dia, aos meus ouvintes um neuropata, afectado de uma cefalgia fixa, circunscrita por um caso de meningite cronica, afastaram-se todos de mim, num justo acesso de revolta critica e meu prematuro professorado findou-se. Para aliviar minha culpa, seja dito que nesta ocasião as maiores autoridades de Viena diagnosticaram a neurastenia como tumor do cerebro.

Durante a primavera de 1885 fui promovido a docente de neuropatologia em vista de

meus trabalhos histologicos e clinicos. Logo depois, graças á calorosa recomendação de Brucke, ganhei um avultado premio de viagem.

Entrei como aluno na Salpêtrière, mas, a principio, perdido entre todos os alunos vindos do estrangeiro, fui pouco considerado. Um dia ouvi Charcot lamentar que o tradutor alemão de suas obras não tivesse dado mais signal de vida depois da guerra (franco-alemã de 1871). Declarou que gostaria que alguem traduzisse as suas "Novas lições". Escrevi-lhe para oferecer meus préstimos; lembro-me mesmo que a carta continha esta frase: só me afetava a "Aphasie motrice" mas não a "Aphasie sensorielle du français". Charcot atendeu-me, introduziu-me na sua intimidade; desde então pude tomar parte em tudo o que dizia respeito á clinica.

Enquanto escrevo este ensaio, recebo da França inumeros artigos e recortes de jornais, testemunhando uma luta violenta contra a acei-

tação da psicanalise e apresentando minhas relações com a escola francesa sob as cores mais negras. Li, por exemplo, que aproveitei a minha estadia em Paris para me familiarisar com as doutrinas de P. Janet, tendo depois fugido com o toucinho. Por isso quero mencionar especialmente que o nome de Janet durante a minha estadia na Salpêtrière não foi nem mesmo pronunciado.

De tudo que vi com Charcot o que me causou mais impressão foram suas últimas pesquizas sobre histeria, feitas ainda em parte sob minhas vistas. Assim, a constatação da realidade e legalidade dos fenomenos histéricos ("Introite et hic dii sunt"), a frequente presença da histeria no homem, a produção de paralisias e contrações histéricas pela sugestão hipnótica, e mais ainda, que estas produções artificiais, apresentavam nos seus mínimos detalhes os mesmos caracteres que as espontaneas e os casos fortuitos provocados por um traumatismo. Varias demonstrações de

Charcot despertaram em mim como em outros alunos estrangeiros uma admiração tendente á contradição: maneira de sentir que tentavamos explicar apelando para uma e outra teorias então em voga. Charcot respondia sempre ás nossas objeções com afabilidade e paciência, mas tambem com muita decisão e, numa dessas discussões pronunciou estas palavras: "Ça n'empêche pas d'exister", palavras que deveriam gravar-se em mim inesquecíveis.

Sabe-se que tudo quanto então Charcot nos ensinou, não subsistiu. Uma parte tornou-se duvidosa, não tendo a outra resistido á prova do tempo. Mas desta obra ficou o suficiente para constituir um patrimônio durável na ciência. Antes de deixar Paris, combinei com o mestre o plano de um trabalho, tendo em mira a comparação entre as paralisias histéricas e as orgânicas. Queria assim demonstrar a tese de que, na histeria, as paralisias e anestesias das varias partes do corpo, são determinadas

segundo a representação popular (não anatômica) que se faz. Concordava comigo, mas via-se facilmente que no fundo não tinha predileção alguma por um estudo psicológico profundo da neurose. Mas não me esqueci que a sua origem na medicina provem da anatomia patológica.

Antes de voltar a Viena, passei umas semanas em Berlim, afim de adquirir alguns conhecimentos sobre as doenças gerais das crianças. Kassowitz, em Viena, que dirigia uma clínica de crianças, prometera aí organisar uma seção para as atingidas de doenças nervosas. O doutor Ad. Baginsky teve para comigo, em Berlim, um acolhimento amigo e animador. No Instituto Kassowitz, nos cursos dos anos seguintes, publiquei alguns trabalhos bem extensos sobre as paralisias cerebrais uni ou bilaterais das crianças. Foi por isso tambem que mais tarde, em 1897, Nothnagel confiou-me este assunto no

seu grande "Manual de terapêutica geral e especial".

No outono de 1886 fixei-me como médico em Viena e casei-me com a jovem que há muitos anos me esperava numa cidade longínqua. Voltando para trás na minha narrativa devo dizer que foi por culpa de minha noiva que não me tornei célebre e famoso desde os primeiros anos da minha juventude. Por um interêsse divergente de meus estudos, mas no entanto profundo, fui levado a mandar buscar dos fabricantes M e r c k um alcaloide, então muito conhecido, a c o c a i n a , para estudar os seus efeitos fisiológicos Quando estava absorvido por esse trabalho, apresentou-se-me a possibilidade de uma viagem que me permitiria rever a minha noiva de quem estava separado havia mais de dois anos. Conclui apressadamente as pesquizas sobre a cocaina e, na minha revista annunciei que breve appareceriam novas aplicações desta substância. No entanto encarreguei um dos meus amigos, o oculista

L. Kônigstein de experimentar até que ponto poderiam as propriedades anestesiantes da cocaina ser utilisadas sôbre o ôlho doente. Quando voltei das férias soube, não por ele, mas sim por outro amigo, que Carlos Koller (atualmente em Nova York) a quem havia igualmente falado sobre a cocaina, havia feito as experiências decisivas sobre o ôlho dos animais e as apresentara ao Congresso de Oftalmologia de Heidelberg. Koller passa, por conseguinte, e muito justamente, por ter descoberto a anestesia local pela cocaina que se tornou importante na pequena cirurgia. No entanto não guardei rancor á minha noiva por ter perdido uma boa oportunidade.

Prossigo, pois, com a minha fixação em Viena em 1886, cómo especialista em doenças nervosas. Devia fazer na "Sociedade médica" um relatório sôbre o que vira e aprendera com Charcot, mas fui muito mal recebido. Autoridades como Bamberger, um internista, e o presidente da Sociedade, declara-

ram que o que eu dizia não era digno de fé. Meynert aconselhou-se a procurar em Viena casos semelhantes aos que tinha descrito e aprésental-os na Sociedade médica. Foi o que tentei fazer. Mas os médicos primários dos hospitais, em cujas clínicas encontrei casos semelhantes, se recusaram a deixar-me observá-los e tratá-los Um deles, velho cirurgião, exclamou: "Mas meu caro colega, como pode dizer tais absurdos! Hysteron (sic!) significa u t e r o. Como poderia pois um homem ser h i s t é r i c o ?" — Objectei em vão que precisava de uma possibilidade para observar o caso e não de uma aprovação para o meu diagnóstico Descobri, então, fóra do hospital um caso clássico de hemianestesia histérica, num homem; caso que apresentei á Sociedade Médica. Desta vez fui aplaudido, sendo que depois não despertei mais interêsse. A impressão de que "as autoridades competentes" tinham repelido minhas inovações ficou em todos inabalável; achei-me com a histeria no homem e a produ-

ção pela sugestão de paralisias histéricas, relegado na oposição. Por esse motivo o laboratório de anatomia cerebral me foi vedado e durante os semestres não tive mais onde fazer meu curso. Retirei-me, assim, da vida acadêmica e médica.

Depois disso nunca mais voltei á "Sociedade Médica".

Quem deseja viver dos tratamentos de molestias nervosas deve evidentemente poder fazer qualquer cousa por elas Meu arsenal terapêutico não continha mais de duas armas: a eletroterapia e a hipnose, pois, mandar o paciente depois de uma única consulta para um estabelecimento hidroterápico, não era fonte de rendas que desse para viver. Consultava, sôbre o que concerne à eletroterapia, o manual de W. Erb, que dá prescrições detalhadas sôbre o tratamento de todos os sintomas das molestias nervosas. Cedo eu deveria, infelizmente, reconhecer que minha docilidade, em seguir estas prescrições, não era de eficácia

alguma, pois o que havia tomado pelo resultado de observações exactas, não era sinão uma ilusão. A descoberta de um livro assinado por um dos primeiros nomes na neuropatologia alemã, não tinha absolutamente, relação alguma com a realidade, tal uma chave de sonhos "egípcios", como se vende nas livrarias populares. Foi doloroso, mas isto me ajudou a perder ainda um pouco da ingênua crença nas autoridades das quais ainda não me havia desligado. Botei de lado o aparêlho elétrico antes mesmo de Môbius proferir estas palavras libertadoras: Os sucessos do tratamento elétrico "si é que existem" são devidos, unicamente, á sugestão médica.

O caso da hipnose parecia muito melhor. Estudante ainda, assistira á uma sessão de um "magnetisador", o famoso Hansen e notei que uma das pessoas submetidas ás experiencias tornara-se de uma palidez cadavérica no momento em que cáia na catalepsia, permanecendo assim durante to-

da a duração dêsse estado. Isso assentou sôbre uma base firme a minha convicção da realidade dos fenomenos hipnóticos. Logo depois êste modo de ver encontrou em Heidenhain seu representante científico, o que, porém, não impediu que os professores de psiquiatria declarassem ainda por muito tempo, ser a hipnose um charlatanismo e, mais ainda, um charlatanismo perigoso e de encararem com desprêso os hipnotisadores. Pude ver em Paris como a hipnose era utilisada sem hesitação, para excitar nos doentes sintomas para, em seguida, libertá-los deles. Foi então que chegou-nos a noticia de que em Nancy, haviam iniciado uma escola que se utilisava, em grande escala, da sugestão com ou sem hipnose; e isto com êxito muito especial nos casos terapêuticos. Muito naturalmente nos primeiros anos da minha prática médica, sem atender aos métodos psico-terapêuticos, empregados, ás vezes, de modo não sistemático, a sugestão tornou-se o meu principal instrumento de trabalho. Renun-

ciei, assim, ao tratamento das doenças nervosas orgânicas, sem contudo por isso perder grande cousa, porque de um lado a terapêutica dêsses estados nenhuma perspectiva satisfatória oferecia, e do outro, na clínica particular do médico instalado na cidade, o número diminuto dos doentes dessa classe desaparecia diante do número imenso dos neuróticos, número ainda multiplicado pelo fáto dêstes doentes correrem, sem encontrar socorro, de um médico a outro. E além de mais nada, o trabalho me seduzia, era fascinante. Tinha-se desde o começo o sentimento de ter superado a própria impotência, sendo a fama de taumaturgo muitíssimo lisongeira. Deveria, mais tarde, descobrir os defeitos do processo da hipnose, mas no momento só me podia queixar de duas coisas: em primeiro lugar não se conseguir hipnotisar todos os doentes, em segundo, não se ter o poder de mergulhar todo o mundo numa hipnose tão profunda quanto seria necessário para atender a diversos sintomas.

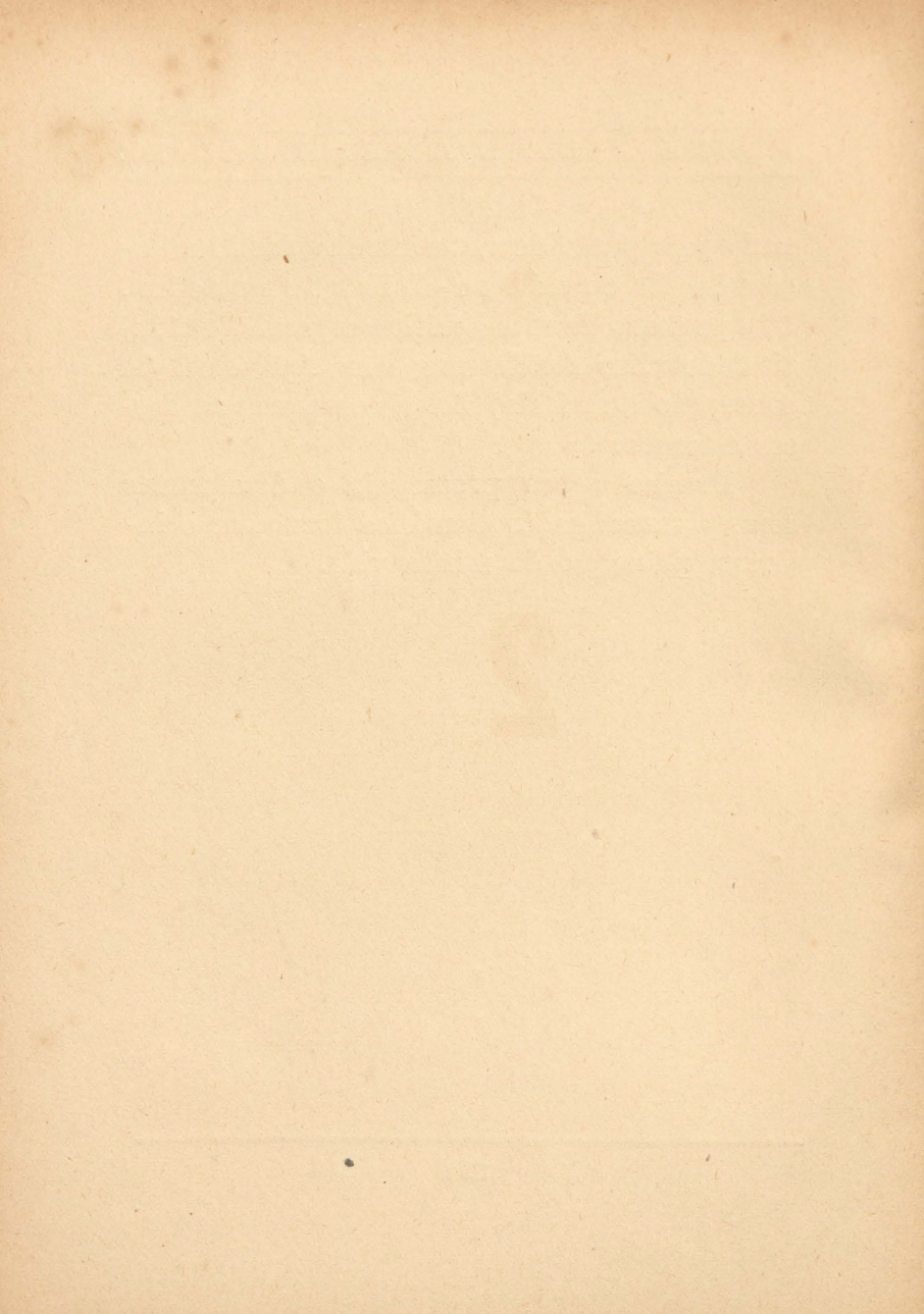
Na intenção de aperfeiçoar a minha técnica hipnótica, parti no verão de 1889 para Nancy, onde passei várias semanas; vi o velho e comovente Liébault, trabalhando junto ás pobres mulheres e crianças da população proletária; testemunhei as extraordinárias experiências de Bernheim com os seus doentes do hospital e foi aí que recebi as mais fortes impressões relativas á possibilidade de poderosos processos psíquicos ainda desconhecidos pelos homens. Afim de me instruir, levei para Nancy uma das minhas pacientes. Era uma histérica de elevada posição social e inteletualmente dotada, que me confiaram por não saberem o que fazer della. Torneilhe possivel a existência pela sugestão hipnótica e eu tinha o poder de erguê-la sempre de seu miserável estado.

Como sempre, depois de algum tempo, ela reincidia, o que eu atribuia, na minha ignorância de então, que sua hipnose nunca atingia o grau completo de somnanbulismo com amnésia

Bernheim tambem experimentou, várias vezes, mergulhá-la numa profunda hipnose, mas não obteve melhor resultado do que eu mesmo. Confessou-me francamente nunca ter obtido seus grandes sucessos terapêuticos pela sugestão, fóra da sua clínica de hospital nem mesmo sôbre os doentes que tinha no consultório. Tive com ele conversas muito interessantes e empreendi traduzir para o alemão, seus dois trabalhos sôbre a sugestão e seus efeitos terapêuticos.

De 1886 a 1891 trabalhei, pouco cientìficamente e quasi nada publiquei. Estava preocupado com a necessidade de me instalar na nova profissão e assegurar minha familia, rapidamente aumentada. Em 1891 apareceu o primeiro dos meus trabalhos relativo ás paralisias cerebrais, redigido em colaboração com meu amigo e assistente Dr. Oscar Rie. No mesmo ano uma proposta de colaborador num dicionário médico me incitou a elucidar o problema da afasia, então domi-

nado pelo ponto de vista estreito das localisações de Wernicke-Lichtenstein. Um pequeno livro de crítica especulativa, intitulado "Zur Auffassung der Aphasie" (A concepção da afasia) foi a consequência desses esforços.

Preciso agora prosseguir e demonstrar como a investigação científica tornou-se o interêsse principal da minha vida.

II.

Completando minha exposição, devo advertir que fiz, desde o principio, um outro emprêgo da hipnose que a sugestão hipnótica. Para explorar a alma do doente, relativamente á história da sua molestia, aproveitei a gênese desta; história e gênese que êste não podia explicar de modo satisfatório em seu estado conciente. Esta maneira de proceder não parecia unicamente mais eficaz do que a simples sugestão que manda ou proíbe: esta satisfazia assim a sêde de saber do médico, que tinha o direito de conhecer qualquer cousa de

relativo á origem do fenômeno que este procurava curar pelo processo monótono da sugestão. Cheguei á conclusão de que devia agir do seguinte modo:

Quando ainda estava no laboratório de Brucke fiz conhecimento com um dos mais conhecidos médicos clínicos de Viena, o Dr. Joseph Breuer, — que tinha tambem um passado científico pois eram de sua autoria diversos trabalhos de real valor que tratavam da fisiologia da respiração e do orgão do equilíbrio. Era homem de uma inteligência fóra do comum, quatorze anos mais velho do que eu e as nossas relações se fizeram logo íntimas. Tornou-se meu amigo e apôio nas condições de vida difícil em que eu me encontrava naquela época. Acostumamo-nos a repartir todos os nossos interêsses científicos; naturalmente nessa partilha quem mais lucrava era eu. O desenvolvimento da psicanálise custou-me, porém, a sua amizade. Não me foi facil pagar-lhe a êste preço, mas foi inevitável.

Breuer me comunicou, antes mesmo da minha ida a Paris, as suas observações sôbre um caso de histeria de que tratou de 1880 a 1882, por um processo especial que lhe permitiu adquirir aperfeiçoamentos profundos sôbre histologia e sôbre a significação dos sintomas histéricos. Isso passou-se num tempo em que os trabalhos de Janet pertenciam ainda ao futuro.

Leu-me, por várias vezes, fragmentos da história da sua doente e eu tive a impressão que ele, neste ponto, realisou mais para a compreensão da neurose do que qualquer outro antes dele. Resolvi, pois, comunicar a Charcot esses resultados quando fosse a Paris, o que realisei; mas o mestre, começando eu as minhas primeiras alusões, não manifestou grande interêsse, o que fez com que eu não mais voltasse nem me ocupasse com êsse assunto.

Voltando a Viena, dirigi novamente a minha atenção para a observação de

Breuer, de quem consegui mais detalhes. A paciente que Breuer possuia — uma jovem dotada de uma cultura e aptidões pouco comuns — adoecera emquanto cuidava de seu pai, a quem queria muitissimo. Quando Breuer começou a ocupar-se do seu caso, esta apresentava um quadro clínico biforme de paralisia com contrações de inibições e de estados de confusão mental. Uma observação fortúita permitiu ao médico aperceber-se de que podia libertá-la de uma dessas perturbações da conciência, quando a levasse ao ponto de exprimir verbalmente o fantasma afetivo que a dominava no momento. Mergulhava sua doente numa hipnose profunda e deixava-a, de cada vez, contar o que lhe oprimia a alma. Quando os estados de confusão depressiva desapareceram, Breuer empregou o mesmo método afim de acabar com as inibições e livrar a doente das suas perturbações corporais. No seu estado conciente a jovem nunca diria — sendo só nisso

igual aos outros doentes — como os seus sintomas surgiram e não achava ligação alguma entre eles e qualquer impressão de sua vida. Em estado de hipnose, porém, ela descobria imediatamente as relações procuradas.

Resultou que todos êsses sintomas tinham origem em acontecimentos que a tinham impressionado vivamente e que sobreviviam durante a doença de seu pai. Estes sintomas tinham, pois, um sentido que correspondiam a relicários ou reminiscências destas situações afetivas. Naturalmente as cousas se teriam passado desta maneira: á cabeceira do pai ela devia ter reprimido um pensamento ou um impulso; mais tarde apareceu como substituto, em seu lugar, o sintoma. Em regra geral, porém, o sintoma não era a consequência de só uma dessas cenas "traumáticas", mas sim o resultado da soma de um grande número de situações análogas. Quando a doente se lembrava alucinadamente durante a hipnose de uma determinada situação e conseguia realisá-la imediata-

mente como um áto fisico, outrora suprimido, exteriorisando livremente o afeto, o sintoma era expulso e não reaparecia. Foi por este método que Breuer conseguiu, depois de um longo e penoso trabalho, livrar a sua doente de todos seus sintomas.

A doente ficára bôa e bem disposta e tornou-se mesmo capaz de uma atividade real e importante na vida.

Mas sôbre o resultado do tratamento hipnotico reinava uma obscuridade que Breuer nunca conseguiu dissipar; eu não podia tão pouco compreender porque êle conservou por tanto tempo em silêncio um conhecimento que me parecia inapreciável, em vez de com êle enriquecer a ciência. A dúvida que surgia em seguida era saber si havia possibilidades para generalisar o que ele descobriu num único caso. As relações descobertas por êle me pareciam de uma natureza tão fundamental que não podia imaginar, falhassem elas num caso qualquer de histeria, uma vez já provadas como

existentes num caso concreto. No entanto, unicamente a experiência podia liquidar o caso. Comecei, pois, a reproduzir as pesquizas de B r e u e r , aproveitando os meus clientes e outra cousa não fiz, sôbre tudo, depois que a visita a B e r n h e i m , em 1889, me provou os limites de eficácia da sugestão hipnótica. Depois de ter encontrado, durante muitos anos, sómente confirmações e dispondo de um importante conjunto de informações e observações análogas ás suas, propuz-lhe fazermos uma pubilcação em comum, idéa contra a qual, no princípio, defendeu-se violentamente. Acabou por ceder depois de terem, nesse interim, as publicações de J a n e t antecipado uma parte dos seus resultados. O trabalho de J a n e t tratava tambem das relações dos sintomas histéricos, das impressões da vida e seu aniquilamento. Em 1893 editamos algumas observações sob o titulo de "Sôbre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos" ás

quais seguiu em 1895 o nosso livro: "Estudos sôbre a histeria".

Si a exposição que fiz até aqui despertou no leitor a idéia de que os "Estudos sôbre a histeria" em tudo que contêm de essencial, quanto ao seu conteudo material, formam propriedade inteletual de Breuer, eis o que, precisamente, sempre pretendi e que desejava declarar e afirmar neste lugar tambem. Quanto á teoria de que o livro pretende ser a base de todas as investigações posteriores, colaborei nele numa medida que não é mais possivel definir. Ela é modesta, modestissima mesmo, e não ultrapassa muito a expressão imediata das observações feitas naquela época. Não procura aprofundar a natureza da histeria, mas simplesmente esclarecer a gênese de seus sintomas. Ela sublinha êste fáto da significação da vida afetiva e a importância que há em distinguir átos psíquicos inconcientes ou concientes (ou melhor: capazes de atingir o conciente). Introduz um

fator dinâmico, fazendo nascer um sintoma pela acumulação de um afecto e um fator econômico, considerando êste mesmo sintoma como o resultado do deslocamento de uma massa energética geralmente empregada de outro modo (quer dizer a c o n v e r s ã o).

B r e u e r chamou êste nosso processo c a t á r t i c o. Como fim terapêutico deste processo tratamos fazer voltar aos caminhos normais afim de poder se escoar abstratamente a carga afetiva mal encaminhada e, por assim dizer, coacta. O sucesso prático do método catártico era excelente. Os defeitos que surgiram mais tarde eram os de todo o tratamento pela hipnose. Existem ainda hoje certos psicoclínicos que permanecem na catarse tal como a compreendeu Breuer, e ainda se gabam disso.

No tratamento das neuroses de guerra do exército alemão durante a guerra mundial, novamente fiz umas provas com processos terapêuticos sucintos, e isso dirigido por E. S i m m e l . Não se trata muito de se-

xualidade na teoria da catarse. Na história dos doentes com que contribui para os "estudos", os fatores da vida sexual têm outras emoções afetivas. De sua primeira paciente que tornou-o tão celebre, B r e u e r relata que o sexual nela era extraordinariamente pouco desonvolvido. Não se podia facilmente adivinhar pelos "Estudos sôbre a histeria" a importância que a sexualidade tem na etiologia das neuroses.

A etapa seguinte do desenvolvimento da catarse á psicanalise propriamente dita, tantas vezes já a descrevi em detalhes que me será dificil dizer mais alguma cousa de novo. O acontecimento que inaugurou êsse período foi o afastamento de B r e u e r da nossa colaboração o que me deixou sósinho a prosseguir no seu trabalho. Cedo se manifestaram entre nós as divergências de opinião, mas mesmo assim eram incapazes de provocar nossa separação.

Voltemos, porém, ao assunto. Quando uma

corrente afetiva se torna patogênica, quer dizer, quando é excluida duma resolução normal, Breuer prefere responder por uma teoria, por assim dizer, fisiológica; pensava êle que os processos originavam-se em certos estados psíquicos desacostumados — hipnoides — sendo êles subtraidos a um destino normal. Uma nova pergunta surgia então: Qual seria a origem desses estados hipnoides ? Quanto a mim, acreditava antes numa combinação de fôrças, numa ação de intenções e de tendências como as que se podem observar na vida normal. Assim á "teoria da histeria hipnoide" se opunha a "neurose da defesa". Mas nem isso nem outras oposições dessa espécie, teriam desviado Breuer do nosso trabalho, si outros fatores a isto não se juntassem. Um deles era certamente que, sendo êle um clínico muito procurado pelas familias, tinha todo seu tempo ocupado e não podia, como eu, consagrar todas as suas fôrças ao trabalho catártico. A mais, deixou-se influenciar pelo acolhimento que

nosso livro teve em Viena e na Alemanha. Sua confiança em si mesmo e capacidade de resistência não estavam á altura de sua organisação intelectual. Os "Estudos", por exemplo, foram duramente tratados por Strumpel; eu me ri dessa sua crítica incompreensivel e confusa, Breuer, porém, magoou-se e ficou desanimado. Mas o que mais contribuiu para a sua resolução foi, terem os meus próprios trabalhos tomado um rumo com o qual ele em vão tentava familiarisar-se.

A teoria que tentáramos edificar nos "Estudos" ficou ainda muito incompleta, em particular, porém, o problema da etiologia, a questão de saber sôbre que terreno se iniciava o processo patogênico, foi apenas abordado pelos dois. Experiências que se acumulavam rapidamente, mostravam-nos agora que, sob os fenômenos da neurose, não eram quaisquer motivos afetivos que agiam, mas sim, e regularmente, as emoções de natureza sexual, fossem conflitos recentes sexuais ou re-

ações de acontecimentos sexuais precoces. Não estava preparado para êste resultado que ultrapassou a minha expetativa, tendo eu abordado o exame dos neuróticos em perfeita ingenuidade. Emquanto escrevia em 1914 a "Contribuição para a história do movimento psicanalítico" vieram-me á lembrança algumas opiniões de Breuer, de Charcot e de Chrobak, pelos quais poderia mais cedo ter adquirido essa noção. Mas, não compreendia naquela época o que êsses homens, dotados de tão grande autoridade, percebiam, falando assim; êles mesmos me disseram tambem não saber o que pensar, não estando dispostos a sustentar cousa alguma a êsse respeito. O que recolhera dos seus lábios dormitava inativo em mim até que, por ocasião das investigações catárticas, isso surgiu como um conhecimento aparentemente original. Não sabia, tão pouco, então que associando a histeria á sexualidade voltava aos mais antigos tem-

pos da medicina, que nos chegava como uma tradição de Platão. Foi por um artigo de Havelock Ellis que mais tarde o soube.

Sob a influência do meu estranho achado tomei uma iniciativa cheia de consequências. Deixei o domínio da histeria e comecei a explorar a vida sexual dos "neurastênicos" que afluiam em grande número á minha consulta. Esta experiência custou-me certamente a minha popularidade como médico, mas trouxe-me convições que ainda hoje, trinta anos mais tarde, não sinto enfraquecidas. Era necesário vencer muita mentira e simulação, mas conseguido isso, descobria-se que, em todos os doentes, se encontravam graves desvirtuações das funções sexuais. Considerando, por um lado, o grande número dessas desvirtuações e, por outro, a da neurastenia, a coincidencia das duas, naturalmente, não tinha muito poder de convição; as cousas, porém, não ficaram nesta constatação grosseira. Uma observação mais

pura permitiu-me isolar, fóra do tumulto dos quadros clínicos, o que se confundia sob o nome de neurastenia, dois tipos fundamentalmente diferentes que, apresentando-se confusamente, podiam no entanto serem observados no seu estado primitivo. Num dos dois tipos o fenomeno cerebral era o acesso de angustia com seus equivalentes e suas formas rudimentares e seus sintomas substitutivos crônicos; classifiquei-a, por isso, de n e u r o s e d e a n g ú s t i a . Ao outro tipo limitei a denominação de n e u r a s t e n i a . Agora era facil estabelecer que a cada tipo correspondia, como fator etiológico, que era, uma anomalia diferente da vida sexual deles (coitus interruptus, excitação frustrada, abstinência sexual na neurose de angustia; masturbação excessiva, poluções repetidas na neurastenia etc.).

Para alguns casos particularmente instrutivos que forneceram um reverso inesperado do quadro clínico de um tipo a outro, foi

possível provar que uma mudança correspondente do regime sexual estava na base desta diferença. Prova é que fazendo cessar essa desvirtuação e substitui-la por uma atividade sexual normal, logo surgia uma melhora notavel no estado do paciente.

Foi isto que me induziu a considerar as neuroses, em geral, como perturbação da função sexual, sendo as chamadas neuroses atuais a expressão típica direta dessas perturbações e, sendo as psiconeuroses a expressão psíquica delas. Minha conciência médica saíu-se satisfeita. Esperava preencher uma lacuna da medicina que, quanto á esta função, biològicamente tão importante, só considerava os estragos devidos á uma infecção ou a grosseiras lesões anatômicas. O fáto da sexualidade não ser uma cousa puramente psíquica reforçava esta minha concepção. Tinha tambem seu lado somatico; ficava-se com o direito de atribuirlhe um quimismo especial e de fazer derivar a excitação sexual da presença de substâncias

determinadas, si bem que ainda desconhecidas. Deviam existir fortes razões para que as neuroses verdadeiras e espontâneas não oferecessem tanta semelhança com nenhum outro grupo mórbido, como com os fenômenos consequentes á intoxicação e a abstinência, produzidos pela privação ou absorção de certas substâncias tóxicas, ou tambem com o mal de Basedow, cuja dependência com o produto da glândula tiróide é conhecida.

Não tive mais oportunidade de reencetar a investigação das neuroses atuais. Esta parte de meu trabalho tambem não foi continuada por outros. Considerando hoje os meus resultados de então, devo reconhecêl-los como uma esquematisação primitiva e grosseira de um estado de cousas, na verdade bem mais complicado mas, em conjunto, parecem-me ainda hoje justos. Teria de bom grado continuado a submeter a um exame psicanalítico mais casos de pura neurastenia sexual o que, infelizmente, não pude realisar. Afim de prevenir

uma interpretação errônea, quero aqui resaltar que estou muito longe de negar a existência de conflitos psíquicos e de complexos neuróticos na neurastenia. Sustento sómente que os sintomas desses doentes não são psiquicamente determinados nem analiticamente soluveis, mas deverão ser considerados como consequências tóxicas diretas do quimismo sexual perturbado.

Tendo adquirido no decurso dos anos seguintes á publicação dos "Estudos sôbre a histeria", êste modo de ver sôbre o papel etiologico da sexualidade nas neuroses, fiz algumas conferências onde o expus, em sociedades médicas, não encontrando sinão incredulidade e contradição. B r e u e r tentou ainda algumas vezes lançar a meu favor, na balança, o grande pêso do prestigio pessoal de que êle gozava, nada tendo, porém, conseguido, e era facil ver que o reconhecimento da etiologia ia tambem ao encontro de suas inclinações. Referindo-me á sua primeira pacien-

te, em que o fator sexual não teria tido, por assim dizer, papel algum, poderia ter me combatido ou confundido. Nunca o fez porém, por muito tempo não compreendi por que, isto até o dia em que aprendi a interpretar corretamente êsse caso e, segundo algumas observações que me fez outrora, reconstruir que consequências tivera seu tratamento. Depois de parecer terminado o trabalho catártico, produziu-se na jovem, de repente, um estado de "amor de transferência" que êle não atribuia á sua doença o que o desanimou tanto que, assustado, recuou. Era mais que evidente que lhe era penoso relembrar esse insucesso aparente. Na sua atitude para comigo, oscilou por algum tempo entre a crítica e o reconhecimento de minhas idéias, sobrevindo circumstâncias como as que nunca faltam em situações tensas, e nos separamos um do outro.

O fáto de ocupar-me das diversas formas de doenças nervosas em geral, teve então por consequência fazer com que modificasse a té-

cnica catártica. Abandonei a hipnose e procurei substitui-la por outro método, querendo saír do limite terapêutico para os estados histéricos. Duas graves objeções surgiram á medida que progredia minha experiência contra o emprêgo mesmo em favor de catarse. A primeira era que os mais belos resultados esvaiamse sùbitamente, logo que a relação pessoal do paciente estava perturbada. E' certo que reapareciam quando se encontrava o caminho da reconciliação, mas sabia-se que a relação afetiva pessoal era mais poderosa do que qualquer trabalho catártico e, justamente, êste fator se subtraia do nosso domínio. Depois fiz, um dia, uma experiência que me mostrou, sob o aspeto mais crú o que suspeitava havia muito tempo. Como nesse mesmo dia acabasse de libertar de seus males uma das minhas mais dóceis pacientes, em que a hipnose obteve os mais difíceis resultados, relacionando suas crises dolorosas ás suas causas passadas, minha paciente, acordando, abraçou-me

com efusão. A entrada súbita de um empregado no consultório, evitou-nos uma penosa explicação, mas renunciamos, desde aquele dia, e de comum acôrdo tácito, a continuação do tratamento hipnótico. Tive o espírito bastante frio para não atribuir êsse acontecimento á minha irresistibilidade pessoal e julguei ter conseguido a natureza do elemento místico que age sob o manto da hipnose. Afim de afastá-la ou, ao menos, isolál-a, devia abandonar a hipnose.

A hipnose prestava, no entanto, serviços extraordinários no tratamento catártico, alargando o campo da conciência dos pacientes e colocando á sua disposição uma ciência de que não dispunham no estado de conciência. Por êsse lado não parecia fácil substituí-la. Nestes apuros veiu-me em socorro a lembrança de uma experiência que sempre testemunhei com B e r n h e i m . Quando a pessoa em experiência acordava do seu sonambulismo, parecia ter perdido toda a lembrança do que se

passára, emquanto durára esse estado. Mas Bernheim afirmava que ela o sabia e quando a forçava a lembrar-me, assegurava que ela sabia tudo, devendo, pois, tudo dizer e, quando colocava-lhe, a mais, a mão sôbre a testa, então, as lembranças esquecidas voltavam, na verdade, primeiro hesitantes, depois em conjunto e em perfeita clareza. Decidi fazer o mesmo.

Os meus pacientes deviam tambem saber tudo o que a hipnose lhes tornava acessivel e, minhas afirmações e solicitações, sustentadas talvez por alguma imposição de mãos, deviam ter o poder de trazer á conciencia os fátos e relações esquecidas. Isso parecia certamente mais penoso do que colocar alguem em estado de hipnose, mas seria talvez muito mais instrutivo. Abandonei, pois, a hipnose, conservando no entanto a posição do paciente deitado sobre um divan atrás do qual sentei-me, o que me permitia ver sem ser visto.

3

III.

Às cousas passaram-se segundo minha espectativa. Libertei-me da hipnose, mas com a mudança de técnica o trabalho catártico mudou tambem de aspeto. A hipnose encobrira um jogo de fôrça que agora se desvenda e cuja compreensão deu á teoria um fundamento seguro.

Mas de que maneira acontecia que os doentes, tendo esquecido tantos fátos de sua vida interior e exterior, pudessem no entanto lembrar-se deles quando se lhes aplicava a ciência acima descrita ? A observação respondeu

a estas perguntas de um modo completo. Tudo o que era esquecido, havia sido penoso e assustador, doloroso ou vexatório, relativamente ás pretensões que tinha a personalidade. A idéia se impunha por si mesma: por essa mesma razão isto havia sido esquecido, quer dizer, não permaneceu conciente. Para torná-lo conciente, era preciso superar alguma cousa que se subtraia. Era necessário empregar esforços para, premindo-o, constrangê-lo. O esfôrço exigido do médico era diferente e, segundo os diferentes casos, crecia na proporção direta da dificuldade da lembrança. A quantidade do esfôrço do médico era, evidentemente, a medida de uma resistência do paciente. Só restava então traduzir por palavras o que se sentia, e possuir-se a teoria do recalcamento.

O processo patogênico deixava-se agora reconstruir com facilidade. Para nos basear sôbre um exemplo simples diremos que uma tendência isolada surgira na vida psíquica,

tendência á qual, outras, poderosas, se opuseram. O conflito psíquico que então nasceu, devia, segundo nossa espectativa, seguir um curso tal que as duas grandezas dinâmicas — chamemo-las instinto e resistência — lutassem uma contra outra por algum tempo, tomando a conciência, poderosamente, parte no conflito e isso até o instinto ser repelido e despojado de sua investida energica. Eis a solução normal.

Mas, na neurose por razões ainda desconhecidas, o conflito encontrára novo rumo. O ego tinha-se, por assim dizer, retirado depois do primeiro choque com a emoção instintiva reprovada, o que lhe vedara o acesso á conciencia e á descarga motriz direta, mas com tudo isso, esta emoção, conservará a sua localisação de energia completa. Chamei a este processo recalcamento; constituia uma novidade e nada semelhante ainda foi constado na vida psíquica. Representava, evidentemente, um mecanismo primário de defesa, comparavel á

uma tentativa de fuga, precursor da solução normal posterior pelo julgamento. A êste primeiro áto de recalcamento aliavam-se outros consequentes. Primeiramente era preciso que o *ego* se protegesse contra a investida da emoção reprimida — por um esforço permanente, uma *contracarga*, com o que se empobrecia; por outro lado, o recalcado, o que agora tornou-se *inconsciente*, podia procurar uma derivação e satisfações substitutivas por caminhos desviados e deste modo aniquilar as intenções do recalcamento. Na histeria de conversão este desvio levava á inervação corporal, a emoção recalcada vinha á tona em um ou outro ponto do corpo e creavam-se *sintomas* que eram assim produtos de compromissos, na verdade, porém, satisfações substitutivas, mas, no entanto, deformadas e desviadas do seu fim, pela resistência do *ego*.

A doutrina do recalcamento tornou-se a pedra angular da compreensão das neuroses. O

papel terapêutico devia agora ser de outro modo concebido; seu fim não sendo mais a "reação" do afeto mal encaminhado, mas sim a descoberta do recalcamento e a sua substituição por átos de julgamento que podiam consistir na aceitação ou na condenação do que outrora fôra reprimido. Cientifiquei-me do novo estado de cousas, chamando este metodo de investigação e cura, não mais catarse e sim psicanalise.

O recalcamento póde servir como ponto de partida e póde ser ligado com todas as partes da doutrina psicanalitica. Mas antes pretendo fazer mais algumas observações de carater polêmico. Conforme Janet, a histérica era uma pobre criatura que, em virtude de sua fraqueza constitucional não podia reunir suas diversas atividades psíquicas. Por isso era a prêsa da dissasociação psíquica e do estreitamento do campo da conciência. Conforme os resultados da investigação psicanalítica êsses fenomenos eram divididos em fatores dinâmicos, ao conflito psíquico e ao recalcamento consumado. Creio ser essa diferença de grande importância e capaz de pôr fim á maledicência sempre

renovada, segundo a qual o pouco de valor que a psicanálise póde conter, se reduz a um plágio das idéas de J a n e t. Minha exposição poude provar que a psicanálise, do ponto de vista histórico, é abslutamente independente das descobertas de J a n e t, como se afasta bastante pelo seu assunto e mesmo as ultrapassa. Dos trabalhos de Janet efetivamente não seriam derivadas as consequências que tornaram a psicanálise tão importante para as ciências de espírito, acentuando-lhe o interêsse. Sempre tratei J a n e t com respeito, porque as suas descobertas foram paralelas durante bastante tempo ás de B r e u e r que foram feitas em uma data anterior e publicadas numa posterior. Mas, quando a psicanalise começou em França a ser objéto de discussão, J a n e t portou-se mal, mostrando pouca competência.

Serviu-se de argumentos que não eram lá muito bons, desmerecendo-se aos meus olhos, depreciou sua própria obra anterior. Dizia que, quando falava sôbre os átos físicos "inconcientes", nada queria com isso indicar, tendo apenas o valor de "une façon de parler", com que desmentiu toda a sua obra anterior.

Nêsse ínterim a psicanálise foi coagida pelo estudo dos recalcamentos patogênicos e

outros fenômenos que nos falta ainda mencionar, e levarmos a sério a concepção do consiente. Para esta todo o psíquico era a princípio inconciente, a qualidade conciente podia então vir em acrescimo ou não. Com isso esbarrava-se na contradição dos filósofos para quem c o n c i e n t e era p s í q u i c o e que protestaram não poder compreender um absurdo como o "inconciente psíquico". Pouco, porém, importava o protesto dos filósofos; restava sómente dar de hombros á esta idiosincrasia. A experiência adquirida no contacto com o material patológico, material que os filósofos não conheciam, experiência que revelou a frequência e poder de tais impulsos, dos quais nada se sabia, mas que era necessário concluir como um fáto qualquer do mundo exterior, não deixava lugar algum á livre escolha. Podia-se salientar que não se fazia para sua própria vida psíquica senão aquilo que sempre se fizera pela dos outros. Atribuia-se tambem á uma outra pessoa átos psíquicos si bem que deles não se ti-

vesse uma conciência imediata e que fosse possivel adivinhá-las por manifestações exteriores e ações. O que é justificável com relação a um outro, deve tambem ser justo para com a própria pessoa. Querendo levar-se êsse argumento mais longe e dele concluir que os nossos proprios átos velados, pertencem na realidade a uma segunda conciência, encontramo-nos diante da concepção de uma conciência da qual nada se sabe, conciencia inconciente, o que é apenas uma vantagem relativamente a um psíquismo inconciente Diz-se com outros filósofos que os fatos patólogicos são reconhecidos, mas que convem chamar os átos psíquicos que estão na sua base, não psíquicos mas psicóides A diferença se desenvolve sôbre as linhas de um estéril bate-boca, onde se é dos mais justificados a decidir-se pela continuação do têrmo "conciente psíquico". A questão relativa á natureza desse inconciente não é por isso mais judiciosa e não oferece mais perspetivas do que a precedente, relativa á natureza do conciente.

Seria mais difícil expôr em poucas palavras, como a psicanálise chegou a dividir ainda, o inconciente reconhecido por ela e a decompô-lo em um "pre- c o n c i e n t e" e um inconciente, propriamente dito. A observação seguinte poderá bastar: parecia legítimo completar, por hipoteses, as teorias que são a expressão direta da observação, hipóteses essas que são úteis para dar idéias das cousas e, referindo-se a relações que não podiam tornar-se objeto das observações imediatas. Mesmo em ciências mais antigas, não se usa proceder de outro modo. A divisão do inconciente está em relação com a tentativa de se representar o aparêlho psíquico como construido de sistema ou instância; relações das quais se fala em termos de ordem "e s p a c i a l" não se procurando, porém, em absoluto basear-se na anatomia real do cerebro (é o que chamamos o ponto de vista t ó p i c o). Tais e semelhantes representações pertencem á superestrutura especulativa da psicanálise e cada parte dela pode

ser, sem prejuizo, sacrificada ou substituida, logo que uma insuficiência venha a ser verificada. Resta-nos relatar bastantes cousas, mais próprias de observação.

Já mencionei que a investigação relativa ás causas ocasionais e a produção da neurose, revelava, com uma frequência sempre crescente, a existência de conflitos entre os ímpetos do sêr e suas resistências contra a sexualidade. Rebuscando situações patogênicas que motivaram os recalcamentos de sexualidade, e cujos sintomas emanavam como formações substitutivas do recalcado, voltava a períodos sempre mais precoces da vida do doente e chegava-se emfim aos anos da sua infância. Revelou-se então o que já os romancistas e conhecedores do coração humano sabiam ha muito tempo: que as impressões de todo esse período da vida, si bem que pela maior parte defeituosas pela amnésia, deixavam traços inapagáveis no desenvolvimento do indivíduo, em particular, porém, fundavam a disposição à neuroses ulteriores. Mas, como

nestes acontecimentos da infância se tratava sempre de excitações sexuais e da reação contra elas, ficava-se em presença do fáto da s e x u a l i d a d e i n f a n t i l , o que era mais uma novidade em contradição com um dos mais fortes preconceitos humanos. A infância devia ser "inocente", livre de concupicências sexuais e o combate contra o demônio "sensualismo" só começa com a transição para a puberdade. O que occasionalmente devia se ter notado quanto á atividade sexual das crianças, considerava-se como sinal de degenerecência, de depravação precoce ou como um capricho curioso da natureza. Poucas são as contestações da psicanálise que tenham excitado uma tão geral aversão, que tenham provocado uma tal explosão de indignação como esta asserção, de que a função sexual começa com a vida e se manifesta desde a infância, por fenômenos importantes. No entanto não há descoberta analítica que seja de mais fácil e completa demonstração.

Antes de abordar a exposição da sexualidade infantil, preciso mencionar um êrro no qual incidi durante algum tempo e que logo poderia ter sido fatal a todo meu labor. Nas pacientes, o papel de sedutor era sempre atribuido ao pai. Acreditei nessas informações e assim pensei descobrir nessas seduções precoces da infancia fontes da neurose ulterior. Alguns casos em que tais relações para com o pai, um tio, um irmão mais velho, mantiveram-se até uma idade, sempre com a mesma certeza, fortiticaram a fé. A quem criticar com desconfiança uma tal credulidade, não posso de todo censurar, mas quero salientar que naquele tempo forçava propositadamente a crítica, afim de permanecer imparcial e apto a receber as numerosas novidades que cada dia ela me trazia. Quando, no entanto, tive de reconhecer que estas cenas de sedução nunca existiram e não eram sinão fantasias imaginadas por meus pacientes a êstes impostas, talvez, por mim mesmo, fiquei durante algum tempo

desamparado; a confiança em minha técnica como em meus resultados sofreu um rude golpe, pois obtive a confissão dessas cenas por um meio técnico que considerava correto e seu conteudo estava incontestavelmente relacionado com os sintomas dos quais minha investigação partira. Voltando a mim, tirei da minha experiência conclusões justas: os sintomas neuróticos não se fixavam diretamente a acontecimentos reais, mas a fantasmas de desejos; para a neurose a realidade psíquica tinha mais importância do que a realidade mental. Ainda hoje não me convenço de haver imposto ou "sugerido" aos meus pacientes estas fantasias de sedução. Encontrei aquí pela primeira vez o complexo de Edipo, que devia, em seguida, adquirir uma significação dominante, mas que ainda não consegui reconhecer sob um disfarce tão fantástico. A sedução do período da infância guardou tambem uma parte na etiologia, si bem que em proporções mais modestas. Os sedutores

eram na maior parte das vezes crianças mais velhas.

Meu êrro foi, desta maneira, igual ao dos que tomassem a história legendária dos reis de Roma, tal como no-la conta T i t o L i v i o , por uma verdade histórica em vez de uma fantasia: uma reação contra a lembrança de situações e de tempos tristes e miseráveis, sem dúvida, nem sẽpre gloriosos. Êste êrro, uma vez dissipado, deixava livre o caminho para poder estudar a sexualidade infantil. Chegava-se assim a aplicar a psicanálise a um outro domínio do saber e, segundo seus dados, a adivinhar uma parte até então desconhecida dos fátos biológicos.

A função sexual era presente desde o princípio, apoiava-se primeiramente sôbre as outras funções vitais, tornando-se em seguida independente; devia esta realisar uma evolução longa e complicada, antes de tornar-se a vida sexual normal do adulto tal como a co n h e c e m o s . Manifestava-se, primeiramente,

pela atividade de toda uma série de c o m p o-n e n t e s de i m p u l s o, dependentes de zonas somáticas e r ó g e n a s. Apresentava-se em parte por pares contrastados (sadismo-masoquismo; visionismo-exibicionismo) aspirando a satisfazer-se numa independência e encontrando o mais das vezes seu objeto no próprio corpo do paciente. A princípio não eram, pois, ainda centralisadas, mas principalmente a u t o e r ó t i c a s. Mais tarde produziram-se espécies de sínteses; um primeiro periodo de organisação estava sob a primazia dos componentes o r a i s. Em seguida vinha uma fase s á d i c o-a n a l e, sómente a terceira fase, mais tarde atingida, dava a primazia aos ó r g ã o s g e n i t a i s, pelo que a função sexual entrava para o serviço da reprodução. No decorrer dessa evolução, varios instintos parciais eram postos de lado como inutilisáveis ou então conduzidos para outras utilisações. Outros eram desviados do seu fim e adheriam á organisação genital.

Chamei á energia dos impulsos sexuais e — sómente á esta — l i b i d o.

Tive que admitir que a libido não executava sempre e irrepreensivelmente a evolução acima descrita. Em virtude da fôrça predominante de certos componentes ou de oportunidades de satisfação muito precoces, produzem-se f i x a ç õ e s da libido em diversos pontos do caminho da evolução. E' voltar a esses pontos que a libido aspira no caso de uma repressão ulterior (r e g r e s s ã o) e é geralmente a partir destes pontos que se produzirá o despontar para o sintoma. Uma compreensão ulterior dos fenômenos permitiu acrescentar que a localisação dos pontos de fixação é igualmente decisiva para a escolha da neurose, pela forma sob que aparece a doença posterior.

Em paralelo com a organisação da libido progride o processo da procura do objeto, a quem é reservado na vida psíquica um grande papel. O primeiro objeto de amor depois do

período de autoerotismo, é para os dois sexos a mãe, cujo orgão, destinado á nutrição da criança não era, sem duvida, no princípio, diferençado do de seu próprio corpo. Mais tarde, mas ainda nos primeiros anos da infância, se estabelece a relação do complexo de Edipo, no decurso do qual o menino concentra seus desejos sexuais sôbre a pessoa de sua mãe, sentindo desenvolver-se nele sentimentos hostis contra seu pai que é seu rival. A menina toma uma atitude igual. Todas as variações e derivações do complexo de Edipo tornam-se as mais significativas, a constituição bissexual inata vem á luz e multiplica o número das tendências concomitantes. E' preciso de certo tempo para que, a criança adquira esclarecimentos sôbre a diferença dos sexos; é durante êste período de investigação sexual que ela cria teorias sexuais típicas, naturalmente dependentes da imperfeição de sua própria organisação corporal, teorias que misturam o verdadeiro e

o falso e não conseguem resolver o problema da vida sexual (O enigma da esfinge: de onde vem as crianças ?)

A primeira escolha de objeto infantil é pois i n c e s t u o s a. Todo o conjunto da evolução descrita é rapidamente percorrido. O carater mais natural da vida sexual humana é sua evolução e m d o i s t e m p o s, tendo entre os dois um entreato. No quarto ou quinto ano da existência, a vida sexual atinge seu primeiro apogeu, fornecendo então esta primeira floração da sexualidade: as aspirações até então intensas sucumbem ao recalcamento e então começa o p e r i o d o d e l a t ê n c i a que durará até á puberdade e durante o qual serão edificadas as formações reacionárias da moral, do pudor, da repulsão. A evolução em dois tempos da vida sexual parece só ser, dentre todos os sêres vivos, apanágio do homem. E' talvez a condição biológica de sua disposição á neurose. Na puberdade, as aspirações e investidas li-

bidinosas do objeto da primeira infância reanimam-se, assim como os laços objetivos do complexo de Edipo. Na vida sexual púbere, as aspirações da primeira idade lutam contra as inibições do período de latência. No apogeu do desenvolvimento sexual infantil se estabelecera uma espécie de organisação genital na qual só o órgão masculino tinha então um papel e o órgão feminino não havia ainda sido descoberto (a chamada primazia *fálica*). A oposição entre os dois sexos não tinha então o nome de *macho e fêmea*, mas: possuindo um *penis* ou *castrado*. O *complexo de castração*, em ligação com êste período é de enorme importância para a formação ulterior do carater e da neurose.

Nesta exposição abreviada do que a mim se ofereceu relativamente á vida sexual humana, aproximei — para maior clareza — muitas cousas que aconteceram em datas diferentes e que foram incorporadas, como com-

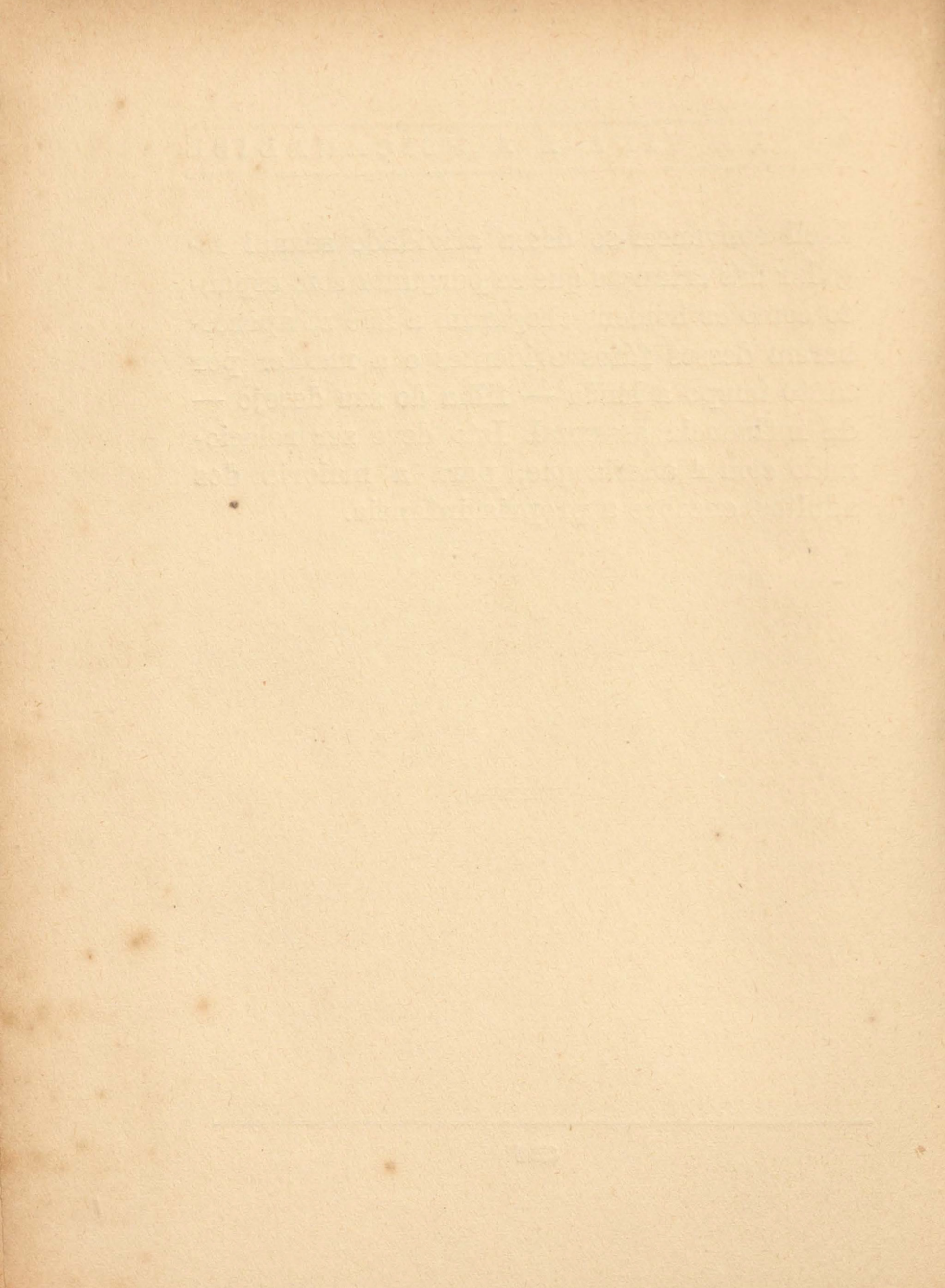
plemento ou retificação ás edições sucessivas de meus "Três ensaios sôbre a teoria da sexualidade". Creio que esta exposição terá feito ver em que consiste a extensão da concepção da sexualidade, tantas vezes anotada e criticada. Essa extensão é de uma dupla natureza. Em primeiro lugar a sexualidade é destacada de uma relação muito estreita com os órgãos genitais e é considerada como uma função corporal, abrangendo o conjunto do sêr e aspirando ao prazer, função que só secundariamente entra para o serviço da reprodução; em segundo lugar, são colocadas entre as emoções sexuais todas as emoções simplesmente ternas ou intimas, para as quais a nossa linguagem corrente emprega a palavra "amor", nas suas múltiplas acepções. Quero mostrar sómente que êsses alargamentos do conceito de sexualidade não são inovações mas restaurações, por que nos deixamos induzir. O destacamento da sexualidade, em geral, dos órgãos genitais, propriamente ditos, tem a vantagem

de permitir-nos considerar a atividade sexual das crianças como reverso do mesmo ponto de vista da dos adultos normais, enquanto a primeira havia sido até aqui despresada e a segunda acolhida certamente com uma grande moral, mas sem nenhuma compreensão.

Quanto á concepção psicanalitica, as mais estranhas e repugnantes perversões se explicam como sendo manifestações de instintos sexuais parciais que se subtrairam á primazia genital e, como nos tempos primitivos da libido aspiram a satisfações independentes. A mais importante dessas perversões, a homosexualidade, dificilmente merece esta denominação. Diz respeito á bissexualidade constitucional geral e á repercussão da primazia fálica. No decorrer de uma investigação pisicanalítica pode ser descoberta em todo o mundo uma parte de escolha homosexual do objeto. Quando se classificam as crianças de "polimorfamente perversas" isto serve sómente como um têrmo descritivo de uso corrente: nenhum jul-

gamento de valor se deve daí tirar. Tais julgamentos de valor estão, pois, muito afastados do espírito da psicanálise. A segunda das ditas extensões da sexualidade é justificada pelos resultados da investigação psicanalítica: com efeito, esta mostra que todas as emoções sentimentais e ternas eram na origem, aspirações plenamente sexuais, tornadas, em seguida, "inibidas, quanto ao fim" ou "sublimadas". No entanto, á sua faculdade de serem assim influenciáveis e deriváveis, é que os instintos sexuais devem o poder serem empregados em várias obras da civilisação, ás quais fornecessem as mais importantes contribuições.

As extraordinárias constatações relativas á sexualidade da criança foram primitivamente fornecidas por análises de adultos, mas poderiam, em seguida, mais ou menos em 1908, serem confirmadas por observações diretas sôbre crianças com todos os detalhes e com toda a extensão requerida. Efetivamente é tão

fácil convencer-se dessa atividade sexual regular das crianças que se pergunta com espanto como os homens chegaram a não se aperceberem desses fátos evidentes e a manter por tanto tempo a lenda — filha do seu desejo — da influência assexual. Isto deve ser relacionado com a añesia que, para a maioria dos adultos, encobre a própria infância.

4

IV.

As doutrinas da resistência e do recalcamento do inconciente, da significação etiológica da vida sexual e da importância dos acontecimentos da infância, são as partes essenciais do edificio psicanalítico. Lamento não poder descrevê-las aqui separadamente e não poder mostrar como se ajustam e encadeiam uma sôbre a outra. E' agora tempo de nos ocuparmos das modificações sobrevindas pouco a pouco na técnica do próprio método analítico.

O método empregado, a princípio, e que consistia em superar a resistência com garan-

tias e instâncias, fôra indispensavel, afim de fornecer ao médico a primeira orientação para o que esperára encontrar. Com a continuação, no entanto, eram necessários muitos esforços de uma e outra parte o que não parecia pô-las ao abrigo de certas objeções imediatas. Em vez de forçar o paciente a dizer alguma coisa relativa ao tema determinado, incitava-se-o agora a abandonar-se ás suas "associações livres", quer dizer, a comunicar tudo que lhe vinha á mente desde que se abstinha de tomar por fim uma representação conciente qualquer. Mas urgia tomar o compromisso de comunicar na íntegra tudo quanto lhe fornecia a percepção interior e não ceder ás objeções críticas que o impelissem a rejeitar certas idéias como não sendo de suficiente importância ou sem razão para o assunto, ou ainda perfeitamente desprovidas de sentido. A exigência da sinceridade não precisava ser repetida expressamente: era condição da cura analítica.

Pode parecer estranho que êsse método da

livre associação, aliada á observação da regra fundamental da psicanálise, seja capaz de realisar o que dele se espera, isto é, trazer á conciencia o material reprimido e assim mantê-lo pelas resistências. Mas é preciso considerar que a associação livre, em realidade, não é livre. O paciente permanece sob a influência da situação analítica, mesmo quando não dirige sua atividade mental sôbre um determinado tema. Fica-se com o direito de admitir que nada mais lhe virá á mente a não ser o que se lhe relacionar com essa situação. Sua resistência contra a reprodução do reprimido manifestar-se-á sob dois aspetos. Primeiro, por essas objeções críticas contra as quais é dirigida a regra fundamental da psicanálise. Sobrepuja ela, graças á observação desta regra, esses obstaculos, encontrando então a resistência uma outra expressão. A resistência impedirá que venha ao espírito do analisado, o recalcado, mas substitui-lo-á por algo que esteja em re-

lação com o próprio recalcado, a modo de uma alusão.

Quanto maior fôr a resistência, mais a idéia substitutiva se afastará do que propriamente se procura. O analista que escuta com recolhimento, mas sem tensão do esfôrço, o que, em virtude de sua experiência geral, está preparado para o que advier, pode utilisar agora do material que o paciente desvenda, seguindo dois caminhos de possibilidades. Ou consegue, quando a resistência é fraca, adivinhar, pelas alusões, o recalcado, ou então pode, diante de uma resistência mais forte, conforme as associações que parecem afastar-se do tema, reconhecer a natureza dessa resistência, que traz, então, ao conhecimento do paciente. Mas a descoberta da resistência é o primeiro passo feito para superá-lo. Assim há no quadro do trabalho analítico, uma técnica de interpretação, cujo feliz manejo exige, certamente, tato e prática, mas que não é difícil aprender.

O método da associação livre apresenta grandes vantagens sôbre o precedente, não sòmente na da economia do esforço. Poupa o mais possível toda a coação ao paciente, nunca perde o contato com a realidade do presente, dá as mais amplas garantias de que nenhum fator na estrutura da neurose escapará e de que não se introduzirá nada por sua própria espectativa. Empregando-se-o, recorre-se essencialmente ao paciente para determinar a marcha da análise, e a coordenação das matérias; é o que impossibilita a ocupação sistemática de cada um dos sintomas e complexos isolados. Absolutamente ao contrário do que acontece nos métodos hipnóticos ou "exortadores", descobrem-se as várias peças dos conjuntos, em tempos e lugares diferentes, no decorrer do tratamento. Para um terceiro — cuja presença em realidade não é admissível — a cura analítica seria, consequentemente, perfeitamente ininteligível.

Uma outra vantagem do método consiste em que, efetivamente, nunca deveria falhar.

Deve ser, com efeito, sempre possível ter uma "idéia", de vez que se renuncia toda pretensão quanto á sua natureza. No entanto, o método falha de todo, regularmente, num caso — mas justamente, por seu isolamento, esse caso torna-se tambem interpretável.

Vou agora descrever um fator que acrescenta ao quadro da análise um traço essencial e que tem o direito de reivindicar a maior significação técnica e teorética. Em todo o tratamento analítico se estabelece, sem que o médico para isso contribua, uma intensa relação afetiva do paciente para com a pessôa do analista, relação que em nada pode ser explicada pelas relações reais. Ela é de natureza positiva ou negativa, pode ser de todas as matizes, desde um estado amoroso apaixonado e francamente sensual, até á mais extrema expressão de revolta, animosidade e ódio. Esta transferência, como resolvemos chamar a êste fenomeno, toma em breve, no paciente, o lugar do desejo de cura e torna-se, enquanto per-

manece moderado o têrmo, o agente da influência do médico e, propriamente dito, o motor do trabalho analítico comum.

Mais tarde, quando se torna apaixonado ou deriva para hostilidade, fica sendo o instrumento principal da resistência. E' então quando se paralisa a atividade associativa e corre perigo o sucesso do tratamento. Mas seria insensato querer escapar: uma análise sem transferências é uma impossibilidade. E' preciso não pensar que a análise cria a transferência e que esta só se produza na analise. A análise não faz sinão descobrir e isolar a transferência. A transferência é um fenômeno humano geral, decidindo do sucesso em todo tratamento em que age o ascendente médico. Muito mais: domina todas as relações de uma determinada pessôa com seu séquito humano. Não é dificil reconhecer nele o mesmo fator dinâmico que os hipnotisadores denominaram sugestionabilidade, que é o agente da relação hipnótica e de cujo capricho se queixa o método

catártico. Onde a tendência á transferência afetiva faz falta, ou tornou-se de todo negativa, como na demência precoce ou na paranóia, a possibilidade de influenciar psìquicamente o doente, deixa de existir.

E' absolutamente exato que a psicanálise trabalha tambem por meio da s u g e s t ã o, como outros métodos psicoterapêuticos. Mas a diferença está em que a decisão, relativa ao sucesso terapêutico, não fica aqui abandonada á sugestão ou á transferência. A sugestão é antes empregada em levar o doente a realisar um trabalho psíquico: superar suas resistências de transferência, o que equivale a uma modificação durável de sua economia psíquica. O analista restitue ao doente a transferência conciente, e a transferência resolve-se, por se poder convencer o doente de que todo o seu modo de agir na transferência, não é sinão a r e p r o d u ç ã o de revelações afetivas, emanando de suas mais precoces investidas do objeto, do período recalcado da sua infância. As-

sim, por essa recordação, a transferência torna-se como arma mais forte da resistência, o melhor instrumento da cura analítica. A manipulação da mesma, porém, é e fica sendo a parte mais difícil, mas tambem a mais importante, da técnica analítica.

Graças ao método da associação livre e á técnica de interpretação que a ele se prende, a psicanálise consegue realisar uma coisa que não parecia de grande importância prática, mas que, na realidade, devia conduzir a uma posição e uma valorisação, inteiramente novas, na evolução científica. Tornou-se possivel provar que os sonhos têm um sentido e que podem ser adivinhados. Os sonhos na antiguidade clássica eram altamente considerados como predições do futuro; a ciencia moderna não queria ouvir falar do sonho. Relegava-os ao domínio da superstição, declarava-o um simples ato corporal, uma espécie de vibração da vida psíquica, no mais das vezes adormecida. Que um sábio, tendo já executado trabalhos científicos sérios,

pudesse entrar em cena como "interpretador de sonhos", parecia, pois, dever ficar excluido. Mas, de vez que não se tratava de uma tal condenação do sonho, que era considerado como um sintoma neurótico incompreendido, uma idéia delirante ou coacta que, desviando-se a gente do seu conteudo aparente, tomava pelo objeto da associação livre suas imagens isoladas, chegava-se então a um resultado completamente diverso. Tomava-se conhecimento, pelas inúmeras associações do sonhador, de um conjunto de pensamentos que não podia mais ser chamado absurdo nem confuso. Correspondia a um ato psíquico de inteiro valor e cujo sonho m a n i f e s t o não era sinão uma tradução deformada, encurtada e mal compreendida, o mais das vezes, uma tradução em imagens visuais. Esses p e n s a m e n t o s l a t e n t e s d o s o n h o continham o sentido do sonho; o conteudo manifesto do sonho não era sinão uma ilusão, uma fachada

de onde a associação para a verdade podia partir, mas não a interpretação deles.

Achavamo-nos agora na obrigação de responder a uma série de perguntas cujas principais eram: haverá um motivo para a formação do sonho, em que condições poderá ser realisado, por que meios os pensamentos latentes do sonho, sempre cheio de sentido, serão trazidos no sonho quasi sempre insensato ? Na minha obra INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS que publiquei em 1900, tentei resolver todos esses problemas. Só ha aquí lugar para o mais curto sumário dessas pesquizas.

Quando se perscruta os pensamentos que se aprendeu a conhecer pela análise dos sonhos, entre eles se descobre um que se destaca livremente dos outros compreensíveis e bem conhecidos do adormecido. Estes outros pensamentos são lembranças da vida acordada (lembranças diurnas) ; no pensamento isolado, no entanto, se reconhece um desejo, muitas vezes chocante, estranho á vida desperta do sonhador

e que ele acolhe, em consequência, por palavras admiradas ou indignadas. Esta aspiração é o elemento formador do sonho e forneceu a energia necessária á produção do sonho, servindo-se das lembranças diurnas como de um simples material; o sonho assim constituido representa uma situação em que essa aspiração é satisfeita; o sonho é a r e a l i s a ç ã o d e s t e d e s e j o. Êste processo não teria sido exequível si alguma coisa na natureza, em estado de sonho não o favorecesse. A condição psíquica fundamental do sonho é a conservação do ego e desejo do sonho, o que implica o retraimento das investidas de todos os outros interêsses da vida. Como ao mesmo tempo os caminhos, levando á movibilidade, estão fechados, o ego pode diminuir a quantidade de esforço com a qual mantém, de ordinário, os recalcamentos. A aspiração inconciente aproveita este relaxamento noturno do recalcamento, para fazer erupção com o sonho, na conciência, A resistência da repressão do ego não é, no en-

tanto, tambem suprimida; ela fica durante o sonho apenas diminuida. Dela fica um resto, que é a *censura do sonho*, que agora impede o desejo inconsciente de se manifestar sob as formas que lhe seriam em realidade adequadas. Em virtude da severidade do sonho, os pensamentos oníricos devem permitir as modificações e atenuações que tornam irreconhecíveis os sentidos reprovados do sonho. Eis aí a explicação da *deformação* do sonho á qual o sonho manifesto deve seus mais salientes carateres. Isso justifica esta frase: *O sonho é a realização* (disfarçada) *de um desejo* (*recalcado*). Já reconhecemos que o sonho é constituido como um sintoma neurótico e que ele é uma formação de compromisso entre a exigência de uma aspiração instintiva reprimida e a resistência de uma potência censurante no ego. Em virtude de uma gênese semelhante, é tão igualmente incompreensível quanto o sintoma e exige, como ele, tambem uma interpretação.

A função geral dos sonhos é facil de ser descoberta. Serve para nos proteger contra as excitações externas ou internas, por assim dizer, lisonjeando-as; excitações que poderiam fazer despertar o desejo, asseguram assim o sonho contra o que poderia perturbá-lo. Assim acontece com a excitação externa: esta perde o seu sentido inicial e aparece incorporada á uma situação qualquer e sem importância; quanto á excitação interna, oriunda das exigências do impulso, o adormecido lhe deixa o campo livre e lhe concede satisfação pela formação do sonho, por tanto tempo quanto os pensamentos latentes do sonho não se subtrairam ao jugo da censura. Mas si êste perigo ameaça, o sonho torna-se muito claro; o adormecido interrompe o sonho e acorda assustado (pesadelo). O processo que, em colaboração com a censura do sonho, traz os pensamentos latentes para o conteudo manifesto do sonho, denominei-o elaboração do sonho. Ele consiste num tratamento parti-

cular do material de pensamento precociente, graças ao qual esses diversos pensamentos são *condensados*. Seus atos psíquicos são *deslocados*, e o todo é então transportado em imagens visuais ou dramatisado, sendo em seguida completado por uma *elaboração secundária*, que o torna incompreensível. O trabalho da elaboração do sonho é um excelente modelo dos processos próprios aos sonhos profundos e inconcientes da vida psíquica, processos que diferem consideravelmente dos processos mentais normais por nós conhecidos. Ela dá a conhecer uma quantidade de traços arcaicos, por exemplo, o emprego de um simbolismo sexual aqui predominante que, em seguida, encontramos em outros dominios da atividade mental.

Pondo-se a aspiração instintiva em relação com um resto diurno, um interêsse ainda não esgotado da vida desperta, dá ao sonho que ela forma um duplo valor para o trabalho analítico. O sonho interpretado é, pois, por um

lado a realisação do desejo recalcado e, por outro, pode ter perseguido a atividade mental preconciente do dia, ficando cheio dos mais variados conteudos, exprimindo assim um projeto, um aviso, um reflexo ou, novamente, a realisação de um desejo. A análise serve-se disso em duas direções, tanto para tomar conhecimento do analisado, seja dos processos concientes ou inconcientes. Ela tira, tambem, vantagens da circunstância de ser o material da vida infantil acessível ao sonho de tal sorte que a anesia infantil é o mais das vezes superada em ligação com a interpretação do sonho. O sonho realisa aqui uma parte do que dantes era imposto á hipnose. Nunca disse o que muitas vezes me foi atribuido, que resultasse da interpretação dos sonhos terem todos os sonhos um sentido sexual, ou se referissem a fôrças impulsivas sexuais. E' facil ver que a fome, a sede e as necessidades excrementais geram sonhos como qualquer outra aspiração recalcada, sexual ou egoista. As crianças nos forne-

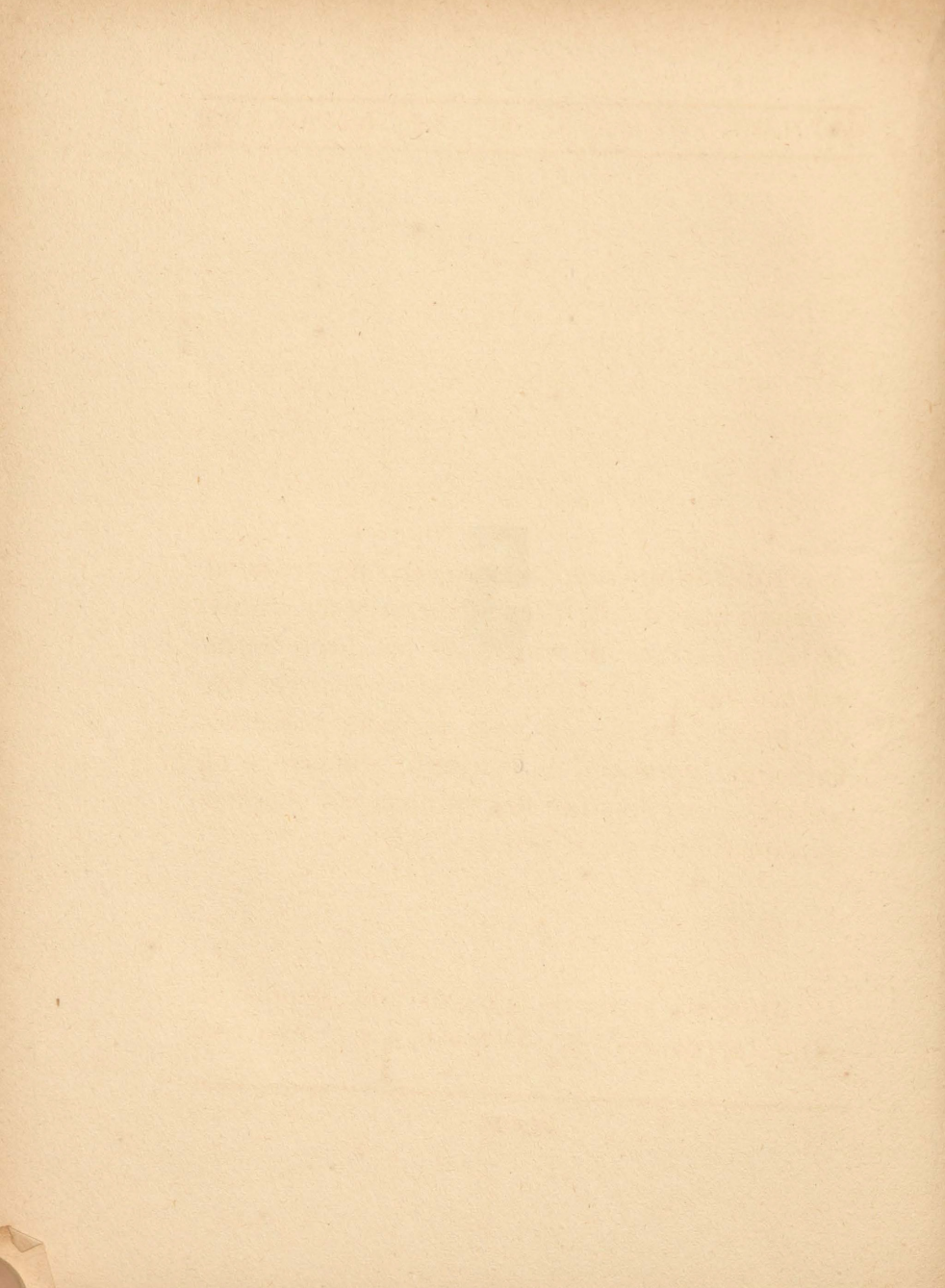
cem a possibilidade de facilmente provar o quanto é certa nossa teoria dos sonhos Nela, em que os diversos sistemas psíquicos não são ainda nitidamente separados, em que os recalcamentos ainda não são profundamente estabelecidos, encontramos muitas vezes sonhos que não são nada mais do que a realisação não disfarçada de um desejo qualquer do dia precedente. Sob a influencia de necessidades físicas inferiores, os adultos podem tambem ter tais sonhos de tipo infantil.

A analise emprega um método idêntico ao da interpretação dos sonhos, para o estudo dos pequenos atos falhos e ações sintomáticas, tão frequentes, dos homens, assunto ao qual consagrei um estudo: A PSICOPATOLOGIA DA VIDA QUOTIDNANA, publicado em 1904. Este livro, o mais lido dos meus trabalhos, prova que êstes fenomenos não são absolutamente devidos ao acaso, ultrapassando as explicações fisiológicas, cheias de sentido e interpretações

e justificando a conclusão segundo a qual eles se referem a aspirações retidas ou recalcadas. O valor paritcular da interpretação dos sonhos, como deste outro estudo, não reside, no entanto, no apoio que trazem ao trabalho analítico, mas sim numa outra das suas qualidades. Até aí a psicanálise só se ocupára em resolver fenomenos patológicos e precisará, afim de explicálos, recomeçar muitas vezes.

Mas o sonho com que começamos a entreter-nos, não é um sintoma doentio, era um fenômeno da vida psíquica normal, inerente a todos homens de saúde perfeita. Si o sonho é construido como um sintoma, si a sua interpretação exige as mesmas suposições que o recalcamento dos impetos impulsivos, — a formação de substituições e compromissos, os diversos sistemas psíquicos para colocação do conciente e inconciente, então a psicanálise não é mais uma ciência auxiliadora da psicopatologia, mas sim o princípio de uma ciência psíquica nova mais fundamental, que se torna in-

dispensável para a compreensão do normal. Poderiamos agora, por suas constatações e resultados, transferir aos demais campos dos acontecimentos psíquicos e espirituais o que até aí se achava sem classificação: o caminho para o incomensurável, para o interêsse universal estava aberto!

5

V.

Interrompo aqui a exposição do desenvolvimento interno da psicanalise para me ocupar de seus destinos exteriores. O que dei a conhecer até aqui, de suas acquisições, era, em traços gerais devido ao meu próprio trabalho. Introduzi, tambem, no conjunto resultados ulteriores, sem separar das minhas, as observações de alunos e discípulos.

*
* *

Durante mais de uma decada, depois da minha separação de B r e u e r , não tive

um unico discípulo ! Fiquei absolutamente isolado. Em Viena evitavam-me; no estrangeiro ignoravam-me. A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS, editada em 1900 foi apenas mencionada nas revistas de psiquiatria. Na minha CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTORIA DO MOVIMENTO PSICANALITICO, dei como exemplo da atividade dos círculos psiquiátricos de Viena, uma conversa que tive com um assistente da clínica. Escrevera um livro inteiro contra as minhas doutrinas, sem ter lido o meu livro. Disseram-lhe no hospital que não valia a pena fazê-lo. O médico em questão, sendo efetivado no serviço, achou-se no direito de desmentir o sentido dessa conversa e duvidar da fidelidade de minha memória. Mantenho, palavra por palavra o que então relatei.

Quando compreendi contra que necessidades eu me chocára, perdi grande parte de minha suscetibilidade. Meu isolamento tambem foi se acabando aos poucos. De começo um pequeno círculo de alunos agrupou-se em volta

de mim. Depois de 1906, soube-se que os psiquiatras de Zurich E. Bleuler, seu assistente C. G. Jung e outros, interessavam-se, vivamente, pela psicanálise. Relações pessoais se estabeleceram. Em 1908, pela Pascoa, os amigos da nova ciência, reunidos em Salzburgo, decidiram a repetição regular desses congressos particulares, e a fundação de uma revista, devendo aparecer sob o nome de "Jahrbuch fur Psychopathologische und Psychoanalytische Forschungen" (O anuario para investigações psicopatologicas e psicanaliticas) e do qual Jung tornou-se o redator-chefe. Os editores eram Bleuler e eu. O começo da guerra mundial interrompeu a publicação da revista. Concomitantemente á função dos suissos, surgiu em toda a Alemanha o interêsse pela psicanálise que tornou-se o objeto de inúmeras apreciações literárias e de vivas discussões nos congressos científicos. O acolhimento não era, em parte alguma, o de uma espectativa amiga ou tolerante. Depois de um

breve conhecimento da psicanálise a ciência alemã rejeitou-a unanimemente.

Naturalmente não posso hoje saber qual será o julgamento definitivo da posteridade sôbre o valor da psicanálise em psiquiatria, em psicologia e nas ciências do espírito em geral. Mas sou de opinião que, quando essa fase de nossa vida tiver um historiador, êste deverá confessar que a atitude de seus representantes de então, não foi gloriosa para a ciência alemã. Não falo aqui da rejeição da psicanálise, nem da intransigência com que a rejeitaram. Esses dois fátos eram de fácil compreensão; correspondiam, simplesmente, á espectativa; nem ao menos podiam projetar alguma sombra sôbre o carater dos adversários. Mas não há desculpa para o excesso da arrogancia, o desprezo, sem conciência de toda lógica, a grosseria e mau gosto no ataque. Poderão dizer que é pueril dar azas a uma tal suscetibilidade, tendo decorrido quinze anos. No entanto não o faria, si ainda não tivesse que acrescentar alguma coisa.

Anos depois, quando durante a guerra mundial, um côro de inimigos censurou a nação alemão de barbaria, o que está de acôrdo com tudo que acabo de mencionar, foi-me profundamente doloroso de, por experiência própria, não o poder contradizer.

Um de meus adversários vangloriou-se de fazer calar seus pacientes logo que começavam a falar de coisas sexuais e deduziu, evidentemente dessa técnica, o direito de julgar o papel etiológico da sexualidade nas neuroses. Postas de lado as resistências afetivas, resistências facilmente explicadas á luz da teoria psicanalítica e que não nos podiam desconcertar, o principal obstáculo ao entendimento entre nossos adversários e nós, pareceu-me ser o fáto desses verem na psicanálise um produto de minha imaginação especulativa. Não quizeram crer no trabalho longo, paciente e desprovido de qualquer preconceito, com que a edifiquei. Como, segundo eles, a análise nada tinha que vêr nem com a observação nem com a experiência, acharam-se no direito de rejeitá-la fóra, tambem, de qualquer experiência pessoal. Outros que se sentiam menos presos a uma tal convição repetiram a manobra

da resistência classica: não olhar no microscópio para não vêr o que haviam contestado. O modo incorreto pelo qual a maioria dos homens se comporta quando fica diante de uma coisa nova, reduzidos a seu proprio julgamento, é pois, muito curioso. Durante muitos anos e, ainda agora, ouvi críticos de bôa vontade dizerem-me que a psicanálise tinha razão aquí ou alí, mas que, acolá, começava seu excesso, sua generalização injustificada. Sei no entanto que nada é mais dificil que traçar semelhantes fronteiras e sei que, mesmo os críticos, há poucos dias ou poucas semanas, tinham uma perfeita ignorância do assunto...

O anátema oficial contra a psicanálise teve por consequência os analistas cerrarem fileiras. No seu segundo congresso em Nuremberg, em 1910, organisaram-se, sob a proposta de S. Ferenczi, em uma "Associação psicanalítica internacional", dividida em secções locais e colocada sob a direção de um presidente. A associação que atravessou a guerra mundial sem sossobrar, existe ainda e compreende as secções de Viena, Berlim, Budapest, Zurich, Londres, Holanda,

Nova York, Pan-America, Moscovia e Calcutá. Como primeiro presidente deixei eleger C. G. Jung, iniciativa, aliás, infeliz, como o tempo provou. A psicanálise adquiriu, então, um novo orgão: "A revista Central da Psicanálise", redigida por Adler e Stekel, surgindo logo um terceiro, "Imago", destinado pelos psicanalistas, não médicos, H. Szachs e O. Rank, ás aplicações da psicanálise nas ciências do espírito em geral. Logo depois Bleuler publicou sua defesa da Psicanálise ("A psicanálise freudiana", 1910). Por mais agradável que tenha sido de ouvir ao menos uma vez, nos debates, uma voz da equidade e da probidade da logica, não pude sentir-me completamente satisfeito com o trabalho de Bleuler. Transpirava muito a aparência de parcialidade, não sendo por um acaso que atribuiram a seu autor a introdução do precioso conceito da ambivalência na nossa ciencia. Em artigos subsequentes Bleuler tomou uma tal atitude de

refutação contra o corpo de doutrina analítica, poz em dúvida ou rejeitou partes tão essenciais dessa doutrina que indaguei a mim mesmo, admirado, o que dele êste reconhecia. E no entanto, no decorrer do tempo fez não sómente as mais cordiaes declarações em favor da "Psicologia das profundidades", como tambem baseou nela sua exposição, tão importante, das "esquisofrenias". Bleuler não ficou, porém, muito tempo na "Associação psicanalítica internacional"; deixou-a em consequência de divergencia com Jung e o "Burgôlzli" ficou perdido para a análise.

A oposição oficial não poude reter a expansão da psicanálise na Alemanha nem em outro paises. Em outro trabalho ("Contribuição para a história dos movimentos psicanalíticos") segui as fáses de seu progresso e nomeei os homens que se salientaram como seus representantes. Em 1909 Jung e eu fomos chamados por G. Stanley Hall, da América do Norte, para lá fazer, durante uma

semana, por occasião do aniversario da fundação da Clark University em Worcester, Mass., da qual ele era presidente, conferências (em alemão). Hal fazia jús ao título de psicólogo e pedagogo e, alguns anos antes, já introduzira a psicanálise no ensino. Havia nela alguma coisa de "King-maker" (fazedor de reis) a quem aprazia investir contra autoridades e depô-las. Encontramos lá o neurólogo J. Putnam de Harvard que, apesar da sua idade, entusiasmou-se pela psicanálise, defendendo seu valor cultural e pureza de suas intenções e isso com todo o peso de sua personalidade por todos respeitada. Só fomos perturbados por esse excelente homem por uma disposição coacta que o orientava de um modo preponderante para a ética — pretender ligar a psicanálise a um determinado sistema filosófico e colocá-la ao serviço de tendências moralisadoras. Um contato com o filosofo William James deixou-me tambem uma impressão duradoura. Não devo, porém,

omitir esta cena: durante um passeio estacou de repente, confiou-me sua pasta e pediu-me que continuasse, pois seguir-me-ia assim que passasse a crise de angina pectoris que o assaltava. Morreu um ano mais tarde do coração. Desde então sempre desejei para mim uma intrepidez semelhante em face do fim próximo.

Tinha eu então 53 anos de idade, sentindome jovem e bem disposto. A curta estadia no Novo mundo fez muito bem ao sentimento de meu próprio valor; na Europa sentia-me posto á margem, aqui via-me acolhido pelos melhores como igual. Quando subi na cátedra em Worcester, para fazer minhas "Cinco conferências sôbre psicanálise", pareceu-me sonhar acordado. A psicanálise não era mais uma produção delirante, tornará-se uma parte preciosa da realidade. Não perdeu terreno na América desde nossa visita; goza no público uma popularidade pouco comum e é reconhecida por muitos psiquiatras oficiais como uma parte importante do ensino médico. Infelizmente lá

tambem misturam-lhe muita agua. Mais de um abuso, com o qual ela nada tem que ver, usufrue seu nome; falta a possibilidade de formar analistas de valor quanto á tecnica e á teoria. Choca-se tambem na América no "Behaviorism" que se vangloria, na sua ingenuidade, de ter inteiramente eliminado o problema psicológico.

Na Europa de 1911 a 1913 produziram-se dois movimentos, dissidentes da psicanálise, movimentos inaugurados por pessôas que até então tinham tido um papel saliente na jovem ciência, Alfred Adler e C. G. Jung. Esses movimentos pareciam muito perigosos e adquiriram logo um grande número de partidários. No entanto, não deviam sua fôrça a si mesmos, mas ao fáto de permitirem, o que parecia sedutor, libertar-se dos resultados, ressentidos como chocantes, fornecidos pela psicanálise, apesar de não se negar seu material de fátos. Jung tentou uma transposição dos fátos analíticos em abstratos, impessoais, sem

ligar importância á história do indivíduo, pelo que esperava afastar de si o reconhecimento da sexualidade infantil e do complexo de Edipo, ao mesmo tempo que a necessidade da análise da infância. A d l e r afastou-se ainda mais da psicanálise. Rejeitou, em conjunto, a importância da sexualidade, referindo exclusivamente á formação do carater, como da neurose, á vontade de potência dos homens e a necessidade que se tem de compensar a inferioridade constitucional. Desprezar todas as aquisições psicológicas da psicanálise, no entanto, o que êste regeitava, abriu por sua própria fôrça, um caminho no seu sistema serrado. Mas o seu "protesto de macho" não passa de um recalcamento, injustamente sexualisado. A crítica foi das mais amenas para com os dois herejes; eu por minha parte não consegui mais do que fazel-o renunciar a denominar a sua doutrina "psicanálise". Pode-se, hoje em dia, ao cabo de dez anos, constatar que essas duas

tentativas passaram perto da psicanálise sem, porém, atingí-la.

Quando uma comunidade é baseada sôbre o acôrdo relativo a alguns pontos essenciais, deduz-se daí os que abandonaram êste terreno comum ficam separados. No entanto levaram em conta da minha intolerância a defeção desses primeiros alunos, ou então, quizeram ver nisso a expressão de uma fatalidade particular pesando sôbre o meu destino. Foi suficiente retrucar que, em face dos que me abandonaram, tais como Jung, Adler, Stekel, e alguns outros, acha-se um grande numero de homens, tais como Abraham, Eitinger, Ferenczi, Rank (este, depois, separou-se de Freud, N. d. T.), Jones, Brill, Sachs, o pastor Pfister, Van Emden, Rik, etc., que desde cerca de quinze anos me ficaram unidos numa fiel colaboração, sendo que, a maior parte, tambem por laços de uma amizade que nada perturbou. Só enumerei aquí os meus mais

antigos alunos os que já se fizeram nome na literatura psicanalítica. A omissão de outros nomes não implica uma desconsideração e justamente entre a juventude e os que vieram a mim mais tarde, encontram-se talentos sôbre os quais se póde ter grandes esperanças. Mas devo salientar em proveito próprio que um homem, dominado pela intolerância e pela presunção de infalibilidade, nunca poderia ter-se cercado de uma tal legião de personalidades superiormente intelectuais, sôbre tudo, quando não havia mais que eu para oferecer-lhes seduções de ordem prática.

A guerra mundial que destruiu tantas outras organisações não poude nada sobre nossa "internacional". A primeira reunião depois da guerra efetuou-se em 1920 em Haia, em terreno neutro. O modo pelo qual a hospitalidade holandesa soube acolher os centrais sedentos e empobrecidos, foi tocante; foi a primeira vez que eu sabia que ingleses e alemães

se sentaram, amigavelmente, á mesma mesa, movidos por interêsses científicos comuns.

A guerra aumentara o interêsse dedicado á psicanálise na Alemanha como em todos os outros paises do Ocidente. A observação das neuroses de guerra abria emfim os olhos aos médicos, quanto a significação da psicogênese nas perturbações neuróticas. Uma das nossas concepções psicológicas: o "benefício da doença"; a "fuga da doença", tornou-se, depressa, popular. No último congresso realisado antes da derrota, em Budapest em 1918, os governos dos impérios centrais enviaram representantes oficiais que ficaram de acôrdo comnosco quanto á organisação de serviços psicanalíticos destinados ao tratamento das neuroses de guerra. Não houve mais tempo para realisar este projéto. O mesmo aconteceu com os vastos planos de um dos melhores membros de nossa associação, do Dr. Anton von Freund, que queria criar em Budapest um instituto central, destinado ao ensino e te-

rapia analíticos, planos gorados pelas reviravoltas políticas que se lhe seguiram e, tambem, pela morte prematura desse homem insubstituível. Uma parte dessas idéas foi mais tarde realisada por M a r x E i t i n g o n que creou em 1920, em Berlim, uma policlínica psicanalítica. Durante a curta duração do dominio bolchevista na Hungria, F e r e n c z i poude desenvolver uma atividade didática coroada de sucesso, como representante oficial da psicanálise na Universidade. Depois da guerra aprouve a nossos adversários proclamar que a experiência fornecera um argumento sem réplica contra a justeza das acersões analíticas. As neuroses de guerra tinham pois demonstrado a superfluidade dos fatos sexuais na etiologia das afeções neuróticas. Mas isso era um triunfo superficial e passageiro, porque até essa época, ninguem conseguira levar a cabo a análise aprofundada de um caso de neurose de guerra. Não se sabia, pois, a certo, quanto ao motivo dessas neuroses e não

se tinha o direito de tirar conclusões de sua própria ignorância. E, por outro lado, a psicanálise adquirira, havia muito tempo, a noção do narcisismo e da neurose narcísica, cujo conteudo era a fixação da libido sôbre o próprio ego em lugar do objéto. Assim, enquanto se fazia, de ordinário, á psicanalise, a censura de alargar indevidamente o conceito de sexualidade, de vez que isso era cômodo para a polêmica, esquecia-se esse sinão e opunha-se-lhe, de novo, a sexualidade no seu restrito sentido.

A história da psicanálise divide-se, para mim, em dois períodos: no primeiro estava só e com a árdua missão de executar todo o trabalho, isso de 1895-96 a 1906 ou 1907. No segundo, de então até hoje (1930), as contribuições de meus alunos e colaboradores não cessaram de crecer em importância, de tal sorte que agora, avisado de meu próximo fim por uma doença grave (Freud está sofrendo de cancro na língua, obs. do trad.), posso, com uma grande calma interior, encarar a cessação de minha

atividade própria. E' justamente por isso que me é impossivel tratar, nesta exposição de minha vida, dos progressos da psicanálise durante o segundo período e com tantos detalhes, quantos tratei de sua edificação progressiva no primeiro período psicanalítico, preenchido pela minha única atividade. Só me sinto obrigado a mencionar que nestas aquisições novas, tive ainda uma forte preponderância, principalmente nas relativas ao narcisismo, á doutrina dos instintos e á aplicação das psicoses.

Devo acrecentar que, a medida que se alargava a nossa experiência, o complexo de Edipo mostrava-se, cada vez, mais, como sendo o núcleo central das neuroses. Era tanto o ponto culminante da vida sexual infantil como o núcleo de onde partiam todos os desenvolvimentos ulteriores. Devia-se dizer como J u n g nos seus primeiros tempos analíticos soubera excelentemente exprimir, que os neuróticos sucumbem justamente onde os normais sáem vitoriosos. Esta compreensão não signi-

ficava uma desilusão. Harmonisava-se com essa outra: que a "psicologia das profundidades" descoberta pela psicanálise era de fáto a psicologia da vida psíquica normal. Dava-se conosco o mesmo que com os químicos: as grandes diferenças qualitativas dos produtos igualavam-se ás modificações quantitativas nas relações de combinação entre os mesmos elementos.

A libido mostrava-se no complexo de Edipo ligada ás representações dos parentes. Mas antes havia um tempo no qual nenhum desses objétos existiam. Disso resultou a concepção fundamental para uma teoria da libido, dum estado no qual a libido apoderar-se do próprio ego tomando-o por objéto. Podia-se chamar a este estado "narcisismo" ou amor de si mesmo. As primeiras reflexões informavam que êste nunca cessava. Durante a vida inteira o ego fica sendo o grande reservatorio da libido, fóra do qual são projetadas as investidas dos objétos e no qual a libido dos objétos póde refluir.

A libido narcísica transforma-se assim sem cessar em libido de objéto e vice-versa. Um exemplo excelente da amplitude que póde atingir esta transformação nos é dado pelo estado amoroso, sexual ou sublimado, que póde ir até o sacrifício de sua própria existência. Enquanto que, até então, no que se refere ao processo do recalcamento, só se atendera ao "recalcado", estas representações permitiram dar tambem o justo valor ao "recalcante". Disséra-se que o recalcamento era movido pelos impulsos de conservação agindo sôbre o ego (impulso do ego) e aplicado aos impulsos libidinais. Agora, quando se reconhecia terem os impulsos de conservação uma natureza libidinal, como sendo da libido narcísica, o processo do recalcamento aparecia como um processo passando-se no interior da própria libido. A libido narcísica antepunha-se á libido objétal, o interêsse da conservação do ego punha-se em defesa contra as exigências do amor do objé-

to como contra as da sexualidade no sentido estrito.

Nenhuma necessidade fazia-se mais premente em psicologia do que uma doutrina dos impulsos bastante ampla para que se pudesse continuar a edificar sôbre ela. Mas não tendo nada semelhante, a psicanalise deve esforçar-se apalpando, para adquirir uma. Estabeleceu, primeiramente, a oposição entre os instintos do ego (conservação, fome) e os impulsos libidinais (amor), depois substituiu-a pela oposição nova entre libido-narcísica e libido do objéto, e, apesar disso ainda não se pronunciara a ultima palavra; considerações biológicas pareciam interdizer que a hipótese de uma única sorte de impulsos, pudesse bastar.

Nos trabalhos de meus últimos anos ("Além do princípio prazenteiro", "A psicologia das massas e a análise do ego", "O ego e o id",) dei livre curso á tendência, por muito tempo reprimida, á especulação, considerada uma nova solução do problema dos impulsos.

Reuni no conceito do e r o s o impulso de conservação, de ego, e da especie, tendo-lhe oposto o i m p u l s o d e d e s t r u i ç ã o ou de m o r t e que trabalha em silêncio. O impulso é geralmente concebido como uma espécie de elasticidade do ser vivo, como uma fôrça tendendo a restabelecer uma situação primitiva, tendo já existido e tendo cessado de existir, por uma perturbação interna. Essa natureza essencialmente conservadora do impulso é ilustrada pelos fenomenos de a u t o - m a t i s m o d e r e p e t i ç ã o . Do trabalho combinado, ou em oposição do eros ou do instinto de morte, resulta a imagem da vida.

Há dúvida quanto a suposição si esta construção se mostrará utilisável. Ela foi, de certo, empreendida, afim de fixar algumas das mais importantes representações teóricas da psicanálise, mas ultrapassa à psicanálise. Muitas vezes ouvi expressar, com desprezo, a opinião que não se podia ter nenhuma considera-

ção por uma ciência cujos conceitos dominantes eram tão imprecisos como os de libido e de impulso na psicanálise. Mas na fase de uma tal censura está um perfeito desconhecimento dos fatos existentes. Conceitos fundamentais claros e definições precisas em seu contornos, só são possiveis nas ciências de espírito, enquanto querem encaixar uma ordem de fatos nos quadros de um sistema intelectual, creado em todas as suas peças. Nas ciências naturais, de que faz parte a psicologia, uma tal clareza nos conceitos dominantes é demais, quasi mesmo impossível. A zoologia e a botânica não começaram por definições corretas e adequadas do animal e da planta, a biologia não sabe, ainda hoje, com que conteudo certo encher o conceito da vida. A física mesmo não poderia realisar nada de sua evolução, se tivesse de atender a que os conceitos de materia, força, gravitação e outros, atingissem á clareza e á precisão exigidas. As representações fundamentais ou conceitos dominantes das dicipli-

nas próprias ás ciencias naturais, são, primeiro, deixadas na imprecisão, não são provisoriamente ilustradas senão pela indicação do domínio fenomenal donde eles emanam e não pódem tornar-se claros, plenos, e fóra de contestação sinão pela análise progressiva do material a observar.

Já tentara, em fases anteriores de minha obra, atingir, partindo da observação psicanalítica, pontos de vista mais gerais. Em 1911, num pequeno estudo "Formulações relativas nos dois principios da vida psíquica" (Formulierungen uber die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens), salientei, não de um modo lá muito original, a predominância do prazer-desprazer na vida psíquica como é revelado pelo principio dito de realidade. Mais tarde ousei tentar o estudo de uma "metapsicologia". Assim denominei um modo de observação segundo o qual cada processo psíquico é considerado pelas três coordenações: da dinâmica, da tópica,

da e c o n ô m i c a . Nisso vi o extremo fim que possa ser acessivel á psicologia. A tentativa permaneceu uma estátua truncada, tendo-a eu interrompido depois de ter escrito alguns estudos; (Triebe und Triebschicksale (Impulsos e destinos dos impulsos); Verdrangung (Recalcamento); Das Unbewusste (O inconciente); Trauer und Melancholie (Luto e melancolia) etc.). Tive, certamente, razão de agir assim, porque a hora de tornar definitivas essas teorias ainda não soara. Nos meus últimos trabalhos especulativos, empreendi dividir nosso aparelho psíquico, tomando por base o valor analítico dos fátos patológicos e o decompus em um e g o , um i d e um s u p e r - e g o (Das Ich und das Es, 1922 — "O ego e o id"). O superego é o herdeiro do complexo de Edipo e o representante das exigências éticas do homem.

Não queria que se tivesse a impressão de haver eu, neste último periodo de trabalho, desistido da ob-

servação paciente e me haver dado inteiramente á especulação. Continuei, antes, em contato íntimo com o material analítico e nunca interrompi o trabalho de temas especiais clínicos ou técnicos. Justamente onde me afastava da observação, cuidadosamente evitei aproximar-me da filosofia propriamente dita. Uma incapacidade constitucional muito me facilitou uma tal abstenção. Sempre fui acessivel a ideias de G. Th. F e c h n e r e tambem me apoiei, em pontos importantes, nas ideias deste pensador. As concordâncias extensas da psicanálise com a filosofia de S h o p e n h a u e r — ele não defende sómente a primasia da afetividade e a importância preponderante da sexualidade mas, adivinhou mesmo o mecanismo do recalcamento — não são motivadas por um conhecimento de sua doutrina. Li Schopenhauer muito tarde na minha vida. N i e t z s c h e, o outro filosofo, cujas intuições e pontos de vista concordam muitas vezes, de uma maneira admiravel, com os resultados penosamente adquiridos da psicanálise, justamente por causa disso, evitei-o por muito tempo. Preferia menos a primasia do que ficar livre de toda prevenção.

As neuroses foram o primeiro, e por muito tempo tambem, o único objéto da analise. Não

ficou duvidoso para nenhum analista que a clínica tivesse errado, colocando essa afecção a par das psicoses e juntando-as ás doenças nervosas orgânicas. A doutrina das neuroses pertence á psiquiatria, sendo dela a introdução indispensável. Mas parece que o sentido analítico das psicoses seja prejudicado pela falta de esperanças terapêuticas que um tal esfôrço comporta. A capacidade de fazer uma transferência positiva falta, em geral, ao doente atingido de psicose, de tal sorte que o principal instrumento da técnica analítica é inutilisavel. Mas estes doentes são, por vezes, abordáveis por algum lado. A transferência não é, muitas vezes, tão totalmente ausente que se não possa, graças a ela, caminhar um bom pedaço. Nas depressões cíclicas, nas alterações paranóicas leves, nas esquizofrenias parciais obtiveram-se, graças á analise, indubitáveis sucessos. Pelo menos foi para a ciência uma vantagem que, em muitos casos, o diagnóstico pudesse ocilar, por bastante tempo, entre a hi-

pótese de uma psiconeurose e de uma demência precoce. A tentativa terapêutica instaurada, póde assim fornecer preciosos dados antes de se dever abandoná-la. Mas entra em conta, sobretudo, que nas psicoses são trazidas tantas coisas á superficie e visíveis a todos, que se é obrigado, nas neuroses, ir por um penoso trabalho e rebuscar nas profundezas. A clínica psiquiátrica fornece para muitas asserções analíticas as melhores peças de convicção. Era pois inevitável, que a análise encontrasse logo o caminho que conduzia aos objétos da observação psiquiátrica. Pude, muito cedo (1896), a propósito de um caso de demência paranoide, demonstrar a presença dos mesmos fatores etiológicos e dos mesmos complexos afetivos que nas neuroses. Jung elucidou esteriotipias enigmáticas nos dementes, relacionando-as com a história da vida do doente. Bleuler, em diversas psicoses trouxe á luz mecanismos tais como os que se descobrem pela análise nos neuroticos. Desde então não

cessarem mais os esforços dos analistas afim de serem compreendidas as psicoses. Sobretudo desde que se trabalha com o conceito do n a r c i s i s m o , consegue-se, ora aqui, ora ali, chegar mais adiante. Quem mais se adiantou, nesse sentido, foi sem duvida A b r a h a m com a elucidação da melancolia. Neste domínio, todo saber não se cinge á verdade presentemente em poder da terapêutica; mas o lucro puramente teórico não é para desprezar e póde certamente atingir sua utilisação prática. No decorrer do tempo nem os psiquiatras pódem resistir á força convicente de seu material patológico. Produz-se atualmente na psiquiatria alemã uma especie de p é n é t r a t i o n p a c i f i q u e (frances no original alemão, obs. do trad.), com pontos de vista analíticos. Mesmo protestando sem cessar que êles não querem ser psicanalistas, "que não pertencem á escola "ortodoxa", que não a seguem em seus exageros, e sobretudo que não creem na importância preponderante do fator sexual, a maior

parte dos jovens pesquisadores apropriam-se, no entanto, de tal ou qual parte da doutrina psicanalítica, aplicando-a, a seu modo, sôbre o material vivo. Tudo indica que é iminente um desenvolvimento ulterior nesta direção.

VI

Observo de longe, agora, os sintomas reacionais que a entrada da psicanálise produziu na França, por tanto tempo refratária. Crer-se-ia na reprodução de coisas já vividas, mas ha nisso traços particulares. Objeções de uma incrível ingenuidade vêm á luz tais como esta: a delicadeza francesa está chocada com o pedantismo e o peso da nomenclatura psicanalítica (isso lembra o imortal cavalheiro Riccaut de la Marlinière, de Lessing). Uma outra asserção parece mais séria: um professor da "Sorbonne" não a achou indigna de si:

O génie latin (em frances no original. O. d. T.) absolutamente não suporta o modo de pensar da psicanálise. Assim, os aliados anglo-saxões que passam por seus partidários são expressamente sacrificados. Ouvindo-se isso deve-se, naturalmente, crer que o génie teutonique apertou contra o coração a psicanálise, desde o seu nacimento, como sua filha querida.

Na tradução francesa desta biografia encontra-se a seguinte nota que merece interesse, razão pela qual a mencionamos. A compreensão da psicanalise foi facilitada ao anglo-saxão por seu grande realismo de espírito e sua coragem diante de fatos; qualidades que contribuiram, por outro lado, a lhes garantir o domínio do mundo.

O francês possue, geralmente, ao contrário, em seu carater nacional alguns traços que lhe tornam essa compreensão mas difícil. Primeiramente, seu amor á clareza lógica, herdeiro do ideal clássico do seculo XVII e instaurado pela grande investida de recalcamento, que destruiu a magnífica e larga Renascença.

Em seguida, seu culto do bom gosto, datando do mesmo tempo; os processos arcáicos, particulares ao inconciente e que trazem á luz a psicanalise, chocandose de frente, do ponto de vista do bom senso a razão lógica e do ponto de vista do bom gosto, a delicadeza, revoltam facilmente o espírito francês que então esquece não serem sempre de bom gosto os fenomenos da natureza, o que "não os impede de existir", como diria Charcot. Foi tambem em nome do "bom senso" que a humanidade, por parte, acreditou por tanto tempo, na rotação do sol em volta da terra, e por outra parte, que tantos homens cultos recusaram no tempo de Pasteur e, mesmo depois, crer nos micróbios, que não podiam vêr. Os complexos desagradáveis, mas reais, entulhados no fundo de nosso psiquismo, sendo ainda mais dificeis de observar do que micróbios, que se podem colocar numa lâmina de microscópio, o que dá para surpreender que "o simples bom senso" não baste para vêl-os.

O modo frequente dos franceses de considerar a sexualidade, torna-lhes um obstáculo a compreensão do inconciente. Confundem facilmente o sexual com o obceno. São assuntos que não devem ser tratados com leviandade. Dessa atitude diante do

sexual, nasceu pois a literatura dos teatros de "boulevard", que tanto diverte os estrangeiros, mas nem sempre obtem deles os melhores conceitos. Esta desvalorização do sexual é, no entanto, um dos meios de que se serve o r e c a l c a m e n t o para negar a gravidade real e muitas vezes terível do problema sexual, no mais vasto sentido, em cada vida humana.

O interêsse dedicado á psicanálise foi iniciado, na França, pelos homens de letras. Para compreender êste fenomeno é preciso lembrar que a psicanálise com a interpretação dos sonhos, transpôs os limites de uma pura especialidade médica. Entre sua aparição outrora na Alemanha e hoje na França tiveram lugar suas numerosas aplicações nos vários domínios da literatura e da arte, da história das religiões, da prehistória, da mitologia, do folk-lore, da pedagogia etc. Todas essas materias relacionam-se pouco com a medicina, e só lhe são precisamente ligadas por meio da psicanálise. Não acho justificável tratar disso a fun-

do numa biografia destinada a um apanhado médico. No entanto não as posso desprezar de todo, porque por um lado são indispensáveis para dar um quadro exáto do valor e da essência da psicanálise e por outro lado, comprometí-me a fazer a exposição do trabalho de minha própria vida. A maior parte destas aplicações da análise foram inauguradas por meus próprios trabalhos. Permití-me aquí ou alí uma digressão, afim de satisfazer um atrativo extra-médico. Outros, e não sómente médicos, mas tambem especialistas em várias ciências, seguiram minhas pegadas e penetraram a fundo nesses domínios. Tendo, segundo o programa que me tracei, de limitar-me a expôr minha própria contribuição ás explicações da psicanálise, só posso dar ao leitor um trabalho incompleto sôbre sua extensão e importância.

Uma série de incitações me trouxe o complexo de Edipo, cuja ubiquidade reconheci, pouco a pouco. A escolha, mesmo a creação do

tema sinistro, sempre parecera um enigma, como tambem sua ação perturbadora, sôbre os espetadores do drama antigo, dele tirado e a essência da tragédia do Destino em geral. Tudo isso explicava-se, compreendendo que uma lei da vida psíquica fôra aqui considerada em sua plena importância afetiva. A fatalidade e o oráculo não eram sinão as materialisações da necessidade interna; o fato do heróe pecar sem o saber e contra sua intenção constituia a justa expressão da natureza inconciente de suas aspirações animais. Da compreensão desta tragédia do destino só faltava um passo para a compreensão da tragédia de caráter que é Hamleto, admirada há trezentos anos, sem que dela se possa compreender o sentido ou as intenções do poeta. E' pois notável que esta neurose creada pelo poeta convirja no complexo de Edipo, como seus inúmeros similares do mundo real, porque Hamleto é colocado em face do dever de vingar, sôbre um outro, os dois atos que con-

stituem a essência da aspiração edipiana, sôbre a qual seu próprio e obscuro sentimento de culpabilidade acaba de lhe paralisar o braço. Hamleto foi escrito por Shakespeare logo após a morte de seu pai. Minhas indicações relativas á analise desta tragedia, incitaram Ernest Jones a um estudo profundo do Hamleto. Otto Rank seguiu o mesmo exemplo, tomando por ponto de partida de suas pesquizas a escolha do assunto nos poetas e dramaturgos. No seu grande trabalho sobre o Tema do Incesto ("Daz Inzest-Motiv in Dichtung und Sage) pude mostrar quantas vezes os poetas escolhem justamente por tema a situação edipiana e pude seguir, através da literatura universal, as transformações, variações e atenuações desse mesmo tema.

Ficava-se assim induzido a abordar a análise da produção literária e artística em geral. Reconheceu-se que o reinado da imaginação era uma "reserva", organizada pela pas-

sagem, dolorosamente ressentida, do princípio do prazer ao princípio da realidade, afim de permitir um substitutivo para a satisfação instintiva á qual era mister renunciar na vida real. O artista, como o neuropata, retirara-se para longe da realidade insatisfatória, nesse mundo imaginário, mas, ao inverso do neuropata, entendia achar o caminho recondutor e retomar pé na realidade. Suas creações, as obras de arte, eram as satisfações imaginárias de desejos inconcientes, absolutamente como nos sonhos, com os quais tinham, em comum, o caráter de ser um compromisso porque, tambem elas, deviam evitar o conflito exteriorisado com as potências do recalcamento. Mas, ao contrário das produções associativas no narcisismo do sonho, podiam contar com a simpatia dos outros homens, sendo capazes de despertar e satisfazer neles as mesmas inconcientes aspirações do desejo. Demais, serviam-se como "principal sedução" do prazer ligado á percepção da beleza da forma. O que a psicaná-

lise podia fazer era, — segundo relações recíprocas das impressões vitais, das vicissitudes fortúitas e das obras do artista — reconstruir sua constituição e as aspirações instintivas, agindo nele, isto é, o que ele apresentava de eternamente humano. Foi com tal intenção que tomei como exemplo "Leonardo da Vinci" por objéto de um estúdo, estudo esse que se baseia sôbre uma única recordação de infância, relatada por ele e que tende principalmente a elucidar seu quadro de Sant'Anna. Meus amigos e alunos empreenderam depois, numerosas análises semelhantes de artistas e suas obras. O prazer que se tira das obras de arte não ficou estragado pela compreensão analítica assim obtida. Mas devemos confessar aos profanos que, talvez, exigem muito da análise, que ela não projéta luz alguma sôbre dois problemas, sem dúvida, os que mais lhe interessam. A análise, com efeito, nada póde dizer relativo á elucidação do dom artístico e á revelação dos meios de que se serve o artista para trabalhar,

não sendo tambem sua mola o desvendar da técnica artística.

Pude provar, a propósito de uma pequena novela de W. Jensen, "Gradiva", que os sonhos inventados por um escritor são sucetiveis das mesmas interpretações que os reais. Assim sendo, na atividade creadora do poeta entram em jogo os mesmos mecanismos do inconciente, já por nós conhecidos pelo trabalho da elaboração do sonho.

Meu livro sôbre "O espírito e suas relações com o inconciente" (Witz und seine Beziehung zum Unbewussten") é uma ramificação imediata da "Interpretação dos Sonhos". O único amigo que, então, se interessava por meus trabalhos, chamara-me a atenção para o fato de minhas interpretações de sonhos darem a impressão de uma "charada". Para elucidar essa impressão, empreendi a investigação dos trocadilhos e descobri que a essência do espírito residia nos seus meios técnicos, e serem esses dos mesmos moldes de trabalho da

"Interpretação dos sonhos" isto é, a condensação, o deslocamento, a representação pelo contraste, por um detalhe etc. A esta investigação juntou-se a "econômica": como se produz no ouvinte o alto beneficio de prazer que ele sente com o "trocadilho" ? E esta foi a resposta: pela cessação momentanea de um esfôrço de recalcamento, isso pela sedução que lhe oferece uma primasia de prazer (prazer preliminar).

Apreciava mais as minhas contribuições á psicologia religiosa, inauguradas em 1907, pela constatação de uma extraordinária semelhança entre os atos obsidentes e as práticas religiosas (ritos). Sem conhecer ainda suas profundas relações, qualifiquei a neurose coata, da religião particular desfigurada, a religião, por assim dizer, de neurose coata universal. Mais tarde, em 1912, as considerações convincentes de Jung relativas ás analogias extensas que existem entre as produções mentais dos neuróticos e ás dos primitivos, in-

citaram-me a dirigir a atenção para esse tema. Nos quatro estudos reunidos num livro sob o titulo de Totem e Tabú expuz, em detalhe, como nos primitivos o horror ao incesto era ainda mais pronunciado do que entre os civilisados e creou medidas de defesa, todas particulares. Pesquizei que relações tinham os tabús de defesa — forma sob a qual as primeiras restrições morais aparecem — com a ambivalência dos sentimentos, e descobrí na primeira concepção animista do mundo o princípio da superestima da realidade psíquica, do "todo-poder (onipotência) do pensamento" sôbre o qual se baseia, também, a magia. Em toda a parte prosseguiu-se no paralelo com a neurose coata e mostrou-se quantos fundamentos, supostos da vida mental primitiva, encontram-se, ainda fortes, nessa curiosa afecção. O totemismo me atraia, no entanto, acima de tudo; esse primeiro sistema de organisação das tribus primitivas, nas quais os princípios da ordem social se fundiam

com uma religião rudimentar e a impiedosa soberania de alguns tabús de defesa. O ser "venerado" é sempre, na origem, um animal, do qual pretende descender a tribu. Pode-se concluir, por vários índices, que todos os povos, mesmo os mais elevados na escala da civilisação passaram, em algum tempo, por êsse estágio do totemismo.

A fonte principal em que me baseei nos meus trabalhos nesse domínio, foram as obras tão conhecidas de J. G. Frazer ("Totemism and Exogamy", "The Golden Bough") um tesouro de fatos e apanhados preciosos. Mas, quanto á elucidação do problema do totemismo, Frazer não acrescentava grande coisa. Havia, relativamente a êsse problema, por muitas vezes, e radicalmente, mudado de ponto de vista, sendo que os outros etnólogos e prehistoriadores parecem tão incertos, quanto duvidosos nessas matérias. Meu ponto de partida foi a chocante concordância das duas prescrições de tabú do tetemismo: não matar o totem e não se servir sexualmente de nenhuma mulher do mesmo ramo — totem, com as duas partes do complexo de Edipo; não se desembaraçar do pai e não to-

mar a mãe por mulher. Ficava-se, assim, tentado de assimilar o animal totem com o pai como, aliás, os primeiros faziam de um modo expresso, venerando-o como o antepassado da tribu. Dois fatos vieram, então, ajudar-me, do lado da psicanálise; uma feliz observação de F e r e n c z i sôbre uma criança, permitindo a referência a uma v o l t a i n f a n t i l a o t o t e m i s m o, e a análise das precoces fobias de animais, das crianças, que mostra tantas vezes ser o animal da fobia um substituto do pai, sôbre o qual o medo do pai, baseado no complexo de Edipo, foi deslocado. Não faltava muita coisa para reconhecer o a s s a s s i n o d o p a i, como sendo o núcleo do totemismo e o ponto de partida da edificação das religiões.

Achei o que me faltava na "The Religion of the Semites" de W. R o b e r t s o n S m i t h; êste homem genial, físico e crítico bíblico, havia constatado que o r e p a s t o t o t ê m i c o constituia uma parte essencial da religião totêmica. Uma vez por ano, o animal totem, comumente considerado sagrado, era solenemente morto, devorado, depois prateado, isso tudo com a participação de todos os membros da tribu. O periodo de luto terminava por uma grande festa. Aproximei disso a conjetura de D a r w i n,

segundo a qual os homens teriam, na sua origem, vivido em hordas, ficando cada uma delas sob o domínio de um único macho, forte, violento e ciumento. Assim, com êsses diversos componentes, edificou-se para mim a hipótese ou, para melhor dizer, a visão de uma série de fatos como a seguinte: O pai da horda primitiva acaparara, como déspota absoluto, todas as mulheres, matando ou expulsando os filhos, rivais perigosos. Um dia, no entanto, esses filhos, associando-se, triunfaram do pai, matáram-no, devorando-o em comum, a êle que fôra seu inimigo, mas tambem seu ideal. Isso feito, ficaram fóra do direito de recolher sua sucessão, um barrando o caminho do outro. Sob a influência do insucesso e do remorso aprenderam a se suportar recìprocamente. Uniram-se numa tribu de irmãos, segundo as prescrições do totemismo, destinadas a impedir a renovação de semelhante ato e renunciaram, todos, á posse das mulheres pelas quais haviam matado o pai. Ficaram então reduzidos ás mulheres estrangeiras: daí a origem da e x o g a m i a, tão intimamente ligada ao totemismo. O repasto totêmico era a festa comemorativa do ato monstruoso do qual emanava o conhecimento da culpabilidade da humanidade (p e c a d o o r i g i n a l) e com o qual haviam começado ao mesmo tempo a organização social, a religião e as restrições da moral.

O fáto da possibilidade de uma tal série dc acontecimentos ser aceitavel ou não, como histórica, não colocava o edifício da religião menos fixo sôbre o terreno do complexo paterno e menos elevado sôbre a ambivalência que o dominava. Depois de ser, como substituto do pai, abandonado o animal totem, o pai primitivo mesmo, temido e odiado, venerado e invejado, tornou-se o modelo de deus. O desafio do filho e sua nostalgia do pai lutaram um contra a outra em renovadas formações de compromisso pelas quais, por um lado, devia ser expiado o assassínio do pai, por outro lado, os benefícios deviam ser confirmados. Esta concepção da religião projeta uma luz particularmente viva sôbre os fundamentos psicológicos do cristianismo, no qual a cerimônia do repasto totêmico sobrevive ainda, embora um pouco desfigurada, sob a forma da c o m u n h ã o. Quero expressamente observar que esta última aproximação não emana

de mim, mas já se encontra em Robertson Smith e C. J. Frazer.

Th. Reik e o etnólogo G. Róheim seguiram, em numerosos e notáveis trabalhos, os caminhos de Totem e Tabú, extendendo-os, aprofundando-os ou corrigindo-os. Eu mesmo voltei-me algumas vezes ainda para esta ordem de pensamentos, isto por occasião de pesquizas sôbre o "conhecimento de culpabilidade inconsciente" que tem um papel tão importante entre os fatores da neurose, e por occasião de ensaios, tendo por fim a ligação mais estreita da psicologia social com a psicologia individual ("O ego e o id" — Psicologia das massas e a analise do ego"). Salientei tambem, para explicar a possibilidade da hipnose, a herança arcáica dos tempos da horda primitiva.

Mínima é minha parte direta em outras aplicações da psicanálise, dignas no entanto do interêsse geral. Das fantasias do neuropata

isolado, parte um largo caminho dirigindo-se ás creações imaginárias das multidões e dos povos, tais como aparecem nos mitos, lendas e contos populares. A mitologia foi o domínio próprio de Otto Rank e a interpretação dos mitos, sua ligação com os complexos inconcientes conhecidos da infância, ou a substituição de explicações astrais por um motivo humano, foram, em muitos casos, o sucesso de seus esforços analíticos. Assim o tema da simbólica foi, na minha roda, o objéto de inumeros trabalhos. A simbólica valeu á psicanalise muitos inimigos. Muitos investigadores, por um senso exageradamente sóbrio, nunca lhe perdoaram o reconhecimento da simbólica tal como resulta da interpretação dos sonhos. Mas a análise não tem culpa da descoberta da simbólica, sendo esta conhecida, há muito tempo, em outros domínios (folk-lore, lendas, mitos) e tendo neles um papel mesmo mais importante do que na "linguagem dos sonhos".

Pessoalmente, nada tenho e em nada contribui para a aplicação da análise na pedagogia. Mas era natural que as constatações, analíticas, relativas á vida sexual e ao desenvolvimento psíquico das crianças atraissem a atenção dos educadores, fazendo-os considerar sua tarefa sob uma nova luz. O pastor protestante O. Pfister, de Zurich, assignalou-se como campeão infatigável desta tendência; achando, aliás, o cuidado da análise compatível com uma religiosidade extremamente sublimada. A doutora Mme. Hug. — Hellmuth e o Dr. S. Bernefeld, de Viena, assim como muitos outros, dedicaram-se tambem a esse ramo de análise. Uma consequência prática importante resultou do emprêgo da análise em matéria de educação preventiva no que concerne á criança sádia, e na criança ainda não neurotisada, mas já desviada em seu desenvolvimento. Não é mais possivel reservar aos médicos o monopólio do exercício da psicanálise, excluindo dele

os leigos. De fáto, o médico que não recebeu nesse domínio uma intsrução especial é, apesar de seu diploma, um profano em matéria de análise; podendo o leigo, por uma preparação apropriada e uma colaboração ocasional executar o tratamento analítico das neuroses.

Assim, graças a uma dessas evoluções contra as quais em vão se procura defesa, a palavra psicanálise tomou vários sentidos. Na origem, designava um método terapêutico determinado: agora tornou-se, tambem, o nome de uma ciência: a do inconciente psíquico. Essa ciência raramente pode por si só resolver plenamente um problema, mas parece chamada a fornecer contribuições importantes aos mais variados domínios das ciências. O domínio em que se aplica a psicanálise tem, com efeito, a mesma amplitude que o da psicologia, para a qual traz um complemento de real valor.

Revendo a parte de trabalho que me foi dado realisar na vida, posso dizer que abrí

muitos caminhos e dei muitos impulsos que poderão conduzir a alguma coisa no porvir. Quanto a mim, não posso saber si essa alguma coisa será pouco ou muito.

FREUD
Minha Vida e a Psicanalise
FREUD
MINHA VIDA e a PSICANALISE
ATLANTIDA EDITORA-RIO